



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Classificas – LIP

**ANÁLISE MORFOLÓGICA DA CATEGORIA DE PLANTAS
SILVESTRES EM KUBEO: UMA DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA,
BOTÂNICA E ANTROPOLÓGICA**

Gabriel Ferreira Barros

Brasília-DF

2021

GABRIEL FERREIRA BARROS

Artigo realizado como trabalho de conclusão do curso de licenciatura em Letras – Português do Brasil como Segunda Língua (PBSL) da Universidade de Brasília (UnB).

Orientador: Prof. Dr. Thiago Chacon

Brasília-DF

2021

RESUMO

Neste trabalho, descrevemos e analisamos as estruturas morfológicas das palavras que compõem a categoria botânica (CB) da língua Kubeo. Tais palavras foram catalogadas em oficinas feitas com o povo Kubeo nas comunidades indígenas de Querari, TI Alto Rio Negro, Amazonas, e em Vila Fátima, na Colômbia. Na CB, encontramos quatro subcategorias que são: plantas, frutos, folhas e coletivos, e cada uma delas possui morfemas classificadores que servem para especificar a qual dessas subcategorias uma palavra pode pertencer. Além disso, pontuamos a importâncias das plantas dentro da cultura kubeo e sobre as diferentes utilidades que cada planta pode ter para eles, que vai desde a construção de moradia até questões medicinais e religiosas.

Palavras-chave: Estruturas morfológicas; categoria botânica; Língua Kubeo; povo Kubeo; cultura.

ABSTRACT

In this work, we analyze the morphological structures of words that belong to the semantic category of botanical terms, or “botanical category” (CB) of the Kubeo language. The terms for plants were collected during two workshops with Kubeo native speakers, at the indigenous communities of Querari, TI Alto Rio Negro, Amazonas-Brazil, and Vila de Fátima, in Colombia. Within CB, we can observe four subcategories: plants, fruits, flowers, and collectives. Each one of these words has classifying morphemes used to specify the subcategories to which these words may belong to. Furthermore, it is possible to understand the importance of each of these plants inside the Kubeo culture, as well as the uses that can be attributed to each one of these plants by them, which range from house building to medicinal use and religious matters.

Keywords: Morphological structures; botanical category; Kubeo language, Kubeo people; culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Geographical Distribution of the Kubeo-Speaking Population	12
Figura 2: Hierarquia da classificação nominal em Kubeo	18
Figura 3: Class marker morphemes	20
Figura 4: Árvore vahokaku	48
Figura 5: Árvore <i>Couma macrocarpa</i>	48
Figura 6: Árvore duku	49
Figura 7: Árvore <i>Eschwellera nana</i>	49
Figura 8: Palmeira kōhãñu	50
Figura 9: Palmeira <i>Aphandra natalia</i>	50
Figura 10: Palmeira vahuñu	51
Figura 11: Palmeira <i>Astrocaryum gynacanthum</i>	51

SUMÁRIO

RESUMO	3
ABSTRAC	3
LISTA DE FIGURAS	4
INTRODUÇÃO	6
METODOLOGIA E <i>CORPUS</i>	7
2.1. O <i>corpus</i> : tabela principal, tabelas secundárias, questões ortográficas e padronizações	8
2.1.1. A confecção do <i>corpus</i>	9
POVO E LÍNGUA	11
3.1. Aspectos Morfossintáticos	14
3.1.1. As raízes	16
3.1.2. Clíticos e afixos	17
3.2. Morfologia nominal e função dos classificadores	18
ANÁLISE E DESCRIÇÃO	21
4.1. Padrões gerais e estruturas morfológicas	22
4.1.1. Raízes Lexicais	24
4.1.2. Morfemas Classificadores	25
4.1.2.1. Classificadores de Plantas	29
4.1.2.2. Classificadores de Frutos	36
4.1.2.3. Classificadores de Folhas	41
4.1.2.4. Classificadores de Coletivos	43
CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
ANEXOS	48

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, descrevemos e analisamos as estruturas morfológicas da categoria de palavras referentes à botânica da língua Kubeo. A categoria botânica (CB) em Kubeo é um grupo de palavras que possui certas peculiaridades e uma formação morfológica bastante interessante, se passarmos a observá-las de uma perspectiva não só linguística, mas também pragmática. Observamos, com base nos dados das pesquisas, que as plantas, além de suas diversas utilidades dentro das comunidades kubeo, mostram, por meio de sua morfologia, a importante relação que existe entre os Kubeo e a flora que faz parte de seu território. Em Kubeo, não se nomeia apenas a planta ou o fruto, mas também as folhas e, até mesmo, um coletivo para um conjunto de plantas de uma mesma espécie, tudo isso, na maioria dos casos, partindo de uma mesma raiz lexical.

Começamos este trabalho apresentando o nosso *corpus*; sobre quem é o povo Kubeo, um pouco de sua história e cultura; e sobre a língua Kubeo e alguns aspectos que compõem sua morfologia. Em seguida, diferenciaremos alguns grupos de palavras da língua, dando um panorama geral da morfologia do Kubeo e, com isso, partiremos para questões mais específicas, tentando mostrar a relação dos Kubeo com as plantas silvestres e suas utilidades para eles. Por fim, analisamos as estruturas das palavras encontradas nos dados, mostrando as diferentes maneiras que raízes e morfemas classificadores interagem na formação de palavras da CB.

Este trabalho não tem uma função somente de análise linguística, mas está inserido em um projeto mais amplo, que tem como objetivos a conservação, valorização e facilitação do acesso aos conhecimentos dos povos tradicionais brasileiros, em específicos os do povo Kubeo. Para a produção deste artigo, foi necessário um trabalho colaborativo que teve início em 2010 e foi retomado em 2019. Desde então, viemos trabalhando com a separação e manipulação de dados para a confecção do *corpus*, que será descrito e analisado neste trabalho. Com isso, entendemos que todas as informações encontradas têm um valor e uma importância não só como contribuição para os estudos de línguas indígenas, mas também para as línguas e povos da família Tukáno, e, mais especificamente, para as comunidades kubeo. Um dos produtos deste projeto é o Dicionário multilíngue das línguas Kubeo, Tukáno, Wanáno, Português e Espanhol. Esse dicionário tem como uma de suas principais funções auxiliar na educação desses povos, tanto com base nas línguas indígenas quanto no ensino de Português do Brasil como

Língua Adicional (PBLA)¹, sendo essa uma nova nomenclatura², mais recente, que engloba diversos públicos alvos no ensino L2. Sendo assim, iremos apresentar a seguir a metodologia que foi usada, como ocorreu a coleta dos dados, elaboração do *corpus*, suas subdivisões, padronizações e algumas outras observações.

2. METODOLOGIA E *CORPUS*

O *corpus* dessa pesquisa compreende uma seleção de termos botânicos entre os dados que foram produzidos para a elaboração de um Dicionário Kubeo-Mulingüe. O dicionário é um projeto das escolas Kubeo no Brasil que solicitaram a produção de um dicionário multilíngue das línguas Kubeo, Tukáno, Wanáno, Português e Espanhol, tendo em vista a diversidade linguística da região a que os alunos dessas escolas estão cotidianamente expostos.

Os dados foram coletados a partir de oficinas realizadas em 2010 e 2011 pelo povo Kubeo e o professor Dr. Thiago Chacon, nas comunidades indígenas de Querari, TI Alto Rio Negro, Amazonas, e em Vila Fátima, na Colômbia.

Na oficina de 2010, um grupo formado por professores, alunos e sabedores da comunidade de Querari trabalhou por cerca de dois dias e elencou cerca de 149 espécies de plantas silvestres e fizeram desenhos para 130, representando a planta e seu fruto (quando relevante). Além disso, em vários casos os participantes acrescentaram algumas informações, como o nome da folha, do fruto e, em alguns casos, algo que era produzido a partir da planta, como por exemplo: remos, canoas, jarros, etc. Nessa ocasião, não houve estímulo externo, apenas a memória e o conhecimento dos participantes.

Na oficina de 2011, foram usados com estímulo e controle na coleta de dados os livros de classificação e identificação botânica de Lorenzi (2008, 2009a, 2009b, 2010) junto ao grupo responsável pelas informações botânicas na oficina, composto por alunos, professores e sabedores, incluindo sobretudo os Kubeo do rio cuduyari na Colômbia, que haviam tido uma menor participação em 2010. Os participantes deveriam folhear os

¹ Vale a ressalva de que o ensino de PBLA, principalmente no contexto dos povos indígenas, deve ocorrer a partir de um pedido ou necessidade do público alvo, principalmente pelo contexto histórico opressor e impostor que a língua portuguesa teve, e ainda tem, sobre as demais línguas indígenas existentes no território brasileiro.

² A escolha pela expressão língua adicional atende o desejo de selecionar uma expressão mais neutra e mais abrangente, [...] uma língua adicional pode não ser estrangeira se for usada correntemente no país do aprendiz, como é o caso do português brasileiro em relação às línguas indígenas e a Libras no Brasil (BRANDÃO, 2017, p. 232).

livros, página por página, e identificar as plantas conhecidas por eles. Cada planta teria os termos para seu (1) nome genérico, (2) seu fruto, (3) folha e (4) seu coletivo ou agrupamento, transcritos em Kubeo. As informações enciclopédicas sobre a utilidade de cada planta foram coletadas em kubeo e em espanhol.

Essas oficinas geraram dois *corpora*, que, *a priori*, serão utilizados para a produção do dicionário multilíngue. Neste trabalho, faremos uma análise morfológica e semântica – algo que é fundamental para uma análise lexicográfica futura. Com base nesses dados, para este trabalho foram selecionadas determinadas categorias lexicais dos *corpora* do dicionário para compor o *corpus* desta análise. As categorias semânticas selecionadas para análise da morfologia Kubeo foram: tipo de planta (ou caule), fruto, folha e coletivo (ou agrupamento).

A escolha dessas quatro categorias ocorreu pelo de fato de que, inicialmente, a partir de uma análise da formação dos termos para as plantas silvestres, e com base na literatura consultada, observou-se que o Kubeo expressa essas categorias por morfemas que se combinam a raízes, os quais chamamos de modo bem amplo de “classificadores”. A análise das categorias de planta, fruto, folha e coletivo nos permite, assim, analisar o papel desses “classificadores” nos processos formais e semânticos de formação de palavras.

2.1 O *corpus*: tabela principal, tabelas secundárias, questões ortográficas e padronizações.

O *corpus* desta análise foi organizado em uma tabela principal e duas tabelas secundárias, além de tabelas extras que serão apresentadas no decorrer deste artigo. A tabela principal, cada linha continha uma palavra. A palavra era analisada em cinco campos, que dividiam a tabela principal em em cinco colunas: a primeira, com a numeração das raízes lexicais³; a segunda, com a forma da palavra em Kubeo; a terceira, com a raiz lexical; a quarta com o morfema classificador; e a quinta, para indicar a subcategoria semântica da CB (planta, fruto, folha ou coletivo). A Tabela 1 ilustra a estrutura da base de dados para as palavras com base na raiz *kúva* ‘’:

Tabela 1

³ Cada palavra foi enumerada segundo a semântica de sua raiz, ou seja, todas as palavras numeradas com “1”, por exemplo, tinham uma raiz lexical com significado comum.

	Palavra	Raiz Lexical	Morf. Class.	Categoria
6	kúvañu	kúva	-ñu	Planta
6	kúvaru	kúva	-du	Fruto
6	kúva yoka	kúva	=yoka	Folha
6	kúvabo	kúva	-bo	Coletivo

(Retirada do *corpus*)

Para esta análise, foram coletadas 614 palavras, sendo numeradas 233 raízes lexicais e 22 morfemas que podem ou não se concatenar, formando cerca de 62 morfemas classificadores, como veremos nas seções seguintes. A segunda tabela, denominada “Listas de morfemas e glosas”, foi elaborada para a melhor análise e visualização dos morfemas classificadores encontrados na tabela principal. Essa tabela foi elaborada com a seguinte lógica: uma primeira coluna com a lista de morfemas classificadores, uma segunda coluna com a respectiva glosa referente ao morfema na mesma linha e, por último, uma terceira coluna com o domínio semântico, ou seja, qual/quais subcategoria(s) (planta, fruto, folha ou coletivo) aquele morfema que está naquela linha pode classificar. Por exemplo:

Tabela 2

Morfemas	Glosa	Domínio semântico
-du	circular	Fruto

(Retirada do *corpus*)

A terceira tabela intitulada de “Templates morfológicos” aborda as combinações sintagmáticas entre os diferentes morfemas encontrados na tabela principal. Por exemplo, o morfema **-du** é encontrado sozinho, para classificar fruto, mas também é encontrado seguido de outras estruturas, que podem ter a função de classificar outras subcategorias. Observe o exemplo:

Tabela 3

Morfema_1	Morfema_2
-du	
-du	-a
-du	=kowu
-du	=yoka

(Retirada do *corpus*)

2.1.1 A confecção do *corpus*

Desde o acesso aos manuscritos das oficinas kubo até a apresentação dos resultados neste artigo, o *corpus* passou por alterações de modo a garantir uma padronização ortográfica e morfológica. O primeiro ponto a ser destacado é a questão ortográfica, pelo fato de a escrita kubo possuir um caráter mais fonológico, o que tende à ocorrência de variações ortográficas. Além disso, Chacon (2019) apresenta outros fatores que contribuem para esse tipo de variação:

Durante os anos de pesquisa, coletamos muitas amostras da língua Kubeo sendo escrita por professores e alunos da escola de Querari. A escrita Kubeo foi desenvolvida pelo linguista Kubeo Simón Valência, na Colômbia, e difundida por meio de oficinas e encontros binacionais [...]. A escrita prevê apenas um alfabeto e regras sobre a representação da harmonia nasal. Não há instruções específicas sobre o que é uma palavra, como usar o espaço em branco ou hífen entre palavras, tampouco sobre acento e tom (VALENCIA, 1989 apud CHACON, 2019, p. 772).

Nesse caso observamos que a escrita proposta e ensinada não consegue abarcar toda a complexidade da língua, apenas questões nasais e gráficas (alfabeto). O que abre brecha para certos tipos de variação, mas nos mostra a consciência linguística que os falantes do Kubeo possuem de sua própria língua, mesmo sem possuírem uma formação linguística teoricamente mais embasada.

Chacon (2019) destaca o seguinte com relação à palavra ortográfica e suas demarcações:

A demarcação do domínio da palavra ortográfica que encontramos em Kubeo parece diferenciar a palavra morfológica simples das palavras mais complexas. Os falantes Kubeo escrevem de maneira sem interrupção as construções formadas por raízes e afixos da palavra (CHACON, 2019, p. 772).

Essa construção de palavras que o autor destaca (raízes + afixos) também foram encontradas em nossos dados, destacamos que tanto classificadores enclíticos quanto afixos em Kubeo são escritos junto com a raiz, complementando o que Chacon (2019) apresenta. Dentro do Kubeo, essa estrutura contrasta com escrita de morfemas livres em que ocorre um espaço entre a raiz e eles.

Um exemplo de raiz + afixo seria a palavra *kúvañu*, retirada da tabela principal, em que *kúva-* é a raiz e não ocorre nenhuma separação do afixo/classificador, *-ñu*. A estrutura com o uso de morfemas livres também foi encontrada em nossos dados, mais recorrentemente, nas subcategorias de folhas e frutos, que ortograficamente em sua maioria são escritas na seguinte lógica: raiz + espaço + classificador, como no caso de *kúva yoka*, já que se tratam de duas raízes, a primeira lexical e a segunda com função classificadora. Portanto, na seção “Morfema classificador” da tabela principal a raiz *yoka* é representada como =*yoka*, para

representar que trata-se de uma forma livre e que não é fixa à raiz. Entretanto ocorreram certos casos como a palavra “*kumeku yoká*” que nos dados iniciais, retirados das tabelas produtos das oficinas, mencionadas na seção anterior, que foram escritas sem nenhuma separação da seguinte forma: “*kumekuyoká*”, mas que foi padronizada com base nas outras estruturas encontradas.

Além disso, ocorreram algumas outras padronizações no *corpus*, como a substituição de *i* por *u*, como por exemplo nos morfemas classificadores de plantas e palmeiras: *-ku* e *-ñu*, respectivamente. Isso ocorreu não somente por representarem segmentos vocálicos foneticamente semelhantes – segmento vocálico central alto fechado arredondado [u] e [i] não-arredondado – mas, também, por uma questão de representação de identidade, pois o uso de *u* é mais comum nas comunidades Kubeo que estão em território brasileiro e *i*, nas comunidades do lado colombiano.

Vale ressaltar que a escrita kubeo possui em diversas situações um caráter fonético, por isso é comum encontrarmos símbolos fonéticos, como os destacados anteriormente, na escrita e, por isso, ocorrem esses tipos de variações. Observe dois exemplos em que ocorreram essa padronização:

Kuvaññ
Vahokaká

Foram padronizadas para: *kúvañu* e *vahokaku*, respectivamente.

3. POVO E LÍNGUA

Os Kubeo, como todo povo e sociedade, possuem sua cultura e sua língua, e, nesta seção, serão apresentados alguns fatos, questões históricas e descrições que se referem a esses dois produtos sociais (língua e cultura). Mas, antes de falarmos sobre o povo e a língua kubeo, temos que entender a relação direta que existe entre cultura e língua.

Assim sendo, a comunicação é um processo cultural. Mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral⁴ (LARAIA, 1986, p. 52).

Tendo isso em mente, podemos agora apresentar algumas informações e dados sobre os Kubeo. Com isso, sobre a distribuição geográfica dos Kubeo, Pedroso (2019, p.

⁴ Vale ressaltar que a linguagem humana não é estritamente oral, pois temos o exemplo de diversas comunidades surdas espalhadas pelo mundo, com suas línguas de sinais próprias e com suas culturas. No Brasil, por exemplo, temos a Libras. Veja mais em: Perlin (2006) e Lopes & Veiga Neto (2006).

Chacon (2013, p. 404), apresenta o povo Kubeo como um povo falante de uma língua que faz parte da família linguística Tukano (ramo Oriental). Ele também destaca que, apesar de compartilharem traços culturais e linguísticos comuns aos povos tradicionais da região do Uaupés, o povo Kubeo está geograficamente na margem dos povos que fazem parte da região do Uaupés. Isso acontece, segundo o autor, pela ocorrência de processos históricos complexos, que acarretaram em singularidades culturais e linguísticas (cf. Rodrigues, 1986) em relação a esses outros povos, bem como a influência forte de grupos de falantes da língua Aruak⁵, que por consequência, também contribuíram para essas singularidades mencionadas anteriormente.

Tratando-se de questões que influenciaram a distribuição dos Kubeo por toda essa região, vale destacar o seguinte relato de Pedroso (2019), que apresenta uma espécie de êxodo de um grupo Kubeo:

Yauretê-Ponta, o primeiro assentamento kubeo subindo o Uaupés, foi uma comunidade habitada pelos *Betowa* que, segundo relatos de antigos moradores, contou com mais vinte famílias nas décadas de 1980 e 1990, mas depois sofreu um esvaziamento progressivo, com parte dos moradores indo para as comunidades de Querari e Puerto-Colombia, e a maior parte para a cidade de São Gabriel da Cachoeira (PEDROSO, 2019, p. 31).

Pode-se dizer que vários processos influenciaram de certa forma que, atualmente, existem vários subgrupos, que compõem os kubeo, com descendências distintas e constituindo grupos exogâmicos diferentes, apesar de falarem, todos, a mesma língua (CHACON 2012, p. 2). O seguinte trecho explica como ocorre a organização social das comunidades Kubeo de maneira geral:

Cada um destes povos é composto de vários grupos menores, frequentemente chamados de sibs pelos antropólogos. Um sib é formado pelos descendentes de um mesmo avô antigo que se consideram irmãos próximos entre si. Mesmo nos casos em que não vivam juntos em um mesmo povoado hoje em dia, diz-se que antes moravam numa mesma maloca, formando um grupo unido. Os sibs que constituem um grupo linguístico estão organizados de maneira hierárquica, o que quer dizer que respeitam uma ordem que vai do irmão maior para o irmão menor (RICARDO; CABALZAR, 2006, p. 41).

Segundo os mesmos autores, se estima que a população Kubeo seja de 4.500 pessoas, sendo que 4.238 estão do lado colombiano e no Brasil “ocupam três povoados no alto

⁵ Segundo Seki (2000, p. 239): “Dezessete línguas representam a família aruák (ou arawák) no Brasil, sendo faladas nas regiões noroeste (Estados do Amapá, Roraima, Acre e Amazonas) e oeste (Mato Grosso e Mato Grosso do Sul). A família inclui outras línguas faladas fora de território brasileiro”.

Uaupés e estão em pequeno número no alto Aiari” (RICARDO; CABALZAR, 2006, p. 44). Ainda sobre a divisão populacional dos Kubeo temos que:

Estão divididos em aproximadamente trinta sibs nomeados. Estes sibs, por sua vez, estão agrupados em três conjuntos não nomeados que funcionam como unidades para trocas matrimoniais; em outras palavras, os Kubeo costumam casar-se entre si, pessoas que falam a mesma língua (RICARDO; CABALZAR, 2006, p. 41).

Falando um pouco mais sobre a cultura dos Kubeo, é importante ressaltar o fato de que na região e proximidades de onde eles estão distribuídos “existe uma grande riqueza cultural e lingüística, sendo faladas atualmente mais de vinte línguas, de quatro grandes famílias lingüísticas: Tukano Oriental, Aruak, Maku e Yanomami” (RICARDO; CABALZAR, 2006, p. 29). Os mesmo autores destacam a produção artesanal na região e mencionam a existência de uma rede de troca de artefatos e materiais, já que cada um desses diferentes povos possuem certas especialidades pelas quais são conhecidos. Por exemplo, ainda segundo (RICARDO; CABALZAR, 2006, p. 37), os Kubeo são conhecidos entre as outras comunidades por suas máscaras funerárias.

3.1 Aspectos Morfossintáticos

Petter (2005, p. 60) define alguns tipos morfológicos que classificam as línguas do mundo, que teve início com o “estudo comparativo de línguas desenvolvido no século XIX que permitiu que August von Schegel (1818) formulasse uma tipologia morfológica, reorganizada por August Schleicher (1821-1868)” (cf. Pria 2013). Sendo assim, ainda, ela destaca três tipos principais de línguas: isolante, aglutinante e flexional, sendo mencionado posteriormente um quarto tipo, a das línguas polissintéticas.

Segundo essa classificação, o Kubeo é, predominantemente, aglutinante, pois é uma língua “em que as palavras combinam raízes (elementos irreduzíveis e comuns a uma série de palavras) e afixos distintos para expressar as diferentes relações gramaticais...” (PETTER, 2005, p. 61), mas vale ressaltar que “não há nenhuma língua que seja exclusivamente isolante, aglutinante ou flexional; o que ocorre é uma tendência maior a organizar as palavras conforme um ou outro tipo” (PETTER, 2005, p. 61). Por conta dessa não exclusividade tipológica como apresentado por Petter (2005), a língua Kubeo pode ser considerada aglutinante, mas com alguns graus de fusão. Isso é o que Chacon (2012, p. 175) se refere ao falar da tendência aglutinante da língua, além da relação direta que

seus morfemas possuem com forma e significado/função. O autor ainda vai mais afundo na descrição do Kubeo e explica a lógica morfológica da língua da seguinte forma:

Because of its agglutinating tendency, Kubeo has many kinds of functional morphemes that are bound (affix, phrasal-affix [...], clitic, and the bound stem) with subtle structural and phonological distinctions. The tokens of clitics and phrasal-affixes outnumber the tokens of affixes. Most morphemes in the language have a direct one-to-one relationship between form and meaning/function, which supports the idea that these are the result of recent grammaticalization of bound-morphemes that originated in the syntax, though the verb paradigm is notorious for cases of fusional or flecional morphemes (CHACON, 2012, p. 175).

Quando falamos da estrutura linguística do Kubeo, de uma perspectiva morfológica, temos que “uma palavra em Kubeo pode ser formada por apenas um morfema (palavra monomorfêmica) ou por mais de um morfema (palavra plurimorfêmica)” (CHACON, 2019, p. 768). Assim sendo, o mesmo autor apresenta a seguinte tabela, para a melhor exemplificação estrutural da língua e de seus tipos de palavras morfológicas:

Tabela 4

Palavra simples	Monomorfêmica	(a) 1 raiz
Palavra simples	Plurimorfêmica	(b) 1 raiz + afixos
Palavra estendida		(c) 1 raiz (+ afixos) + clíticos (d) clítico + clítico
Palavra composta		(e) 2 a 4 raízes (f) 2 palavras simples e/ou estendidas

(CHACON, 2019, p. 768)

A partir dessa descrição, é possível ser feita uma distinção entre morfologia e sintaxe em Kubeo, já que nessa língua existem sintagmas formados por apenas uma palavra, por exemplo. Sendo assim, temos que:

A separação entre morfologia e sintaxe em Kubeo pode ser expressa a partir de um encadeamento de estruturas distintas que formam uma espécie de gradação, baseada (i) na liberdade no ordenamento de constituintes e (ii) no número máximo de elementos integrantes (CHACON, 2019, p. 770).

Após essa descrição, o autor apresenta uma tabela, em que ele esquematiza essa distinção, e posteriormente destaca que:

Em um extremo, temos a sintaxe da oração onde a ordem de constituintes é praticamente livre e o número de palavras é irrestrito. [...] De outro lado, a estrutura de um sintagma simples é muito similar a de uma palavra composta: ambos possuem uma ordem rígida, com no

máximo duas raízes e as mesmas propriedades fonológicas” (CHACON, 2019, p. 770).

Observe a seguinte tabela, mencionada anteriormente:

Tabela 5

Palavra simples	Palavra composta	Sintagma simples	Sintagma complexo	Oração
Ordem fixa	Ordem fixa	Ordem fixa	Ordem livre	Ordem livre
Até uma raiz	2 a 4 raízes ou palavras	1 palavra ou 1 raiz + 1 palavra	2 ou mais palavras	1 ou mais palavras

(CHACON, 2019, p. 770)

3.1.1. As raízes

Chacon (2019, p. 773) apresenta que “os morfemas são passíveis de uma análise que nota sua posição como constituintes em uma visão linear da palavra, tomando as raízes como centro”. Segundo o mesmo autor, a raiz serve como “base para concatenação de um afixo; toda palavra simples ou composta serve de hospedeiro para um clítico”, sendo os afixos e os clíticos classificados como morfemas presos, pois não podem acontecer sem a presença de uma base ou palavra (CHACON, 2019, p. 773).

Existem três tipos de raízes no Kubeo. Segundo Chacon (2019, p. 773), as (1) raízes livres possuem um caráter mais autônomo, ou seja, podem formar uma base morfológica (uma palavra ou sintagma), sem depender de nenhum outro tipo de morfema. Já as (2) raízes presas, segundo mesmo autor, precisarão de uma outra raiz ou afixos:

Os verbos, por exemplo, são raízes presas, sempre requerendo afixos flexionais para formar uma palavra verbal e funcionar como núcleo de um sintagma verbal (SV), ou morfemas derivacionais, para, então, atuarem em outras funções sintáticas (CHACON, 2019, p. 770).

Quando analisamos (3) raízes semilivres no Kubeo tratamos de um elemento estrutural que abrange classes e contextos específicos da língua. Chacon (2019, p. 773) apresenta que esse tipo de raiz ocorre em classes como: adjetivos, advérbios, demonstrativos e quantificadores (muito comuns em línguas tukáno). Quando tratamos de contextos, temos que esse tipo de raiz são raízes que “podem formar uma palavra e um sintagma autônomo se estão flexionadas, mas podem também ser usadas sem afixos, desde que funcionem como modificadores em um sintagma simples” (CHACON, 2019, p. 773-774). O autor ainda apresenta que no Kubeo os afixos “são definidos como uma classe de morfemas funcionais dependentes de certas classes de raízes” (CHACON, 2019, p. 774)

No Kubeo existem raízes lexicais e a funcionais (CHACON, 2019, p. 774). As raízes que serão analisadas neste trabalho são lexicais e referentes ao nome genérico da espécie de cada planta bem como, em alguma medida, a certos tipos de frutos e folhas dessas plantas. Ainda segundo Chacon (2019, p. 774), as raízes lexicais abrangem quatro classes: nomes, verbos, adjetivos e advérbios. As funcionais são demonstrativos, pronomes, numerais e quantificadores, seguem alguns exemplos:

Ainda que uma estrita separação entre morfemas lexicais e morfemas gramaticais (ou funcionais) seja problemática, podemos dizer que morfemas como *heme-* ‘paca’, *yawi* ‘onça’, *ã-* ‘comer’, *ira-* ‘grande’ sejam lexicais: eles nomeiam entidades, coisas (concretas ou abstratas), estados, propriedades ou eventos, de modo que são a base do conteúdo proposicional das sentenças. Já os morfemas *-ko* ‘feminino’, *-wa* ‘plural animado’, *-ame* ‘3ª pessoa masculino’, *ani* ‘aquele’ e *kuina* ‘um’ são funcionais: eles indicam propriedades semânticas mais abstratas, que servem para modificar o significado dos morfemas lexicais, formando subsistemas paradigmáticos nas gramáticas das línguas (e.g. número, gênero, pronomes, demonstrativos, numerais (grifos do autor) (CHACON, 2019, p. 774).

Com isso, Chacon (2019, p. 774) explica que, de uma perspectiva morfológica: “podemos dizer que, salvo a categoria de pessoa encontrada em pronomes, não existem, em Kubeo, morfemas ou traços flexionais específicos às classes fechadas de lexemas”.

3.1.2. Clíticos e afixos

Em Kubeo, como também em outras línguas aglutinantes e da Família Tukáno, é comum a existência massiva de afixos e clíticos na formação de sintagmas e lexemas. Chacon (2019) propõe uma divisão como forma de diferenciação entre afixos e clíticos em Kubeo. Ele expõe essa proposta de distinção da seguinte maneira:

Podemos propor uma divisão entre afixos e clíticos em seis tipos de morfemas, conforme sua posição na palavra: afixos da palavra (1 - prefixos, 2 - sufixos), clíticos da palavra (3 - proclíticos, 4 - enclíticos) e morfemas do sintagma (5 – afixos e 6 - enclíticos do sintagma). Afixos da palavra combinam-se apenas com raízes ou outros afixos em bases menores ou iguais à palavra. Proclíticos e enclíticos combinam-se com palavras, formando uma ‘palavra estendida’. Já os morfemas do sintagma combinam-se com sintagmas e não palavras (CHACON, 2019, p. 774).

Após isso, o autor descreve, de modo resumido, como afixos e clíticos aparecem na língua, apresentando, respectivamente, suas formas, funções, base à que se acoplam, flexionam-se e nasalizam-se. Observe a seguinte tabela:

Tabela 6

Forma	Função	Base	Flexionam-se	Nasalizam-se
Afixos da palavra	Formativos	Raízes	Não	Sim
Enclíticos nominais	Nomes	Nomes,	Sim	Não

		modificadores, verbos nominalizados		
Enclíticos verbais	Verbos (auxiliar)	Verbos nominalizados	Sim	Não
Proclíticos	Determinantes	Nomes	Não	Não
Reportativos	Evidencialidade	Verbos finitos	Não	Não
Afixos do sintagma	Relações gramaticais	Sintagmas nominais	Não	Sim
Cópula	Cópula	Sintagmas nominais determinados pragmaticamente	Sim	Sim
=rĩ 'interrogativo 2ª pessoa'	Interrogação	Sintagmas determinados pragmaticamente	Não	Não se aplica

(CHACON, 2019, p. 779)

3.2 Morfologia nominal e função dos classificadores

Na seção anterior (seção 3.1), fizemos um panorama geral sobre a morfologia e formação de palavras em Kubeo. Agora partiremos para um aspecto mais específico da língua que é a morfologia nominal, pois ela serve para entendermos melhor a composição e formação dos grupos de palavras que compõem nosso *corpus*. Antes de apresentarmos a morfologia nominal em Kubeo, vamos entender a “hierarquia” que existe na classe dos nomes em Kubeo.

Tendo como base Chacon (2012), Sateles (2019, p. 58) apresenta que, sobre essa hierarquia: “Podemos considerar que existem dois níveis de classificação nominal: um de maior hierarquia, dividindo o léxico nas classes *animado* e *inanimado*; e um de outro de menor hierarquia subclassificando os nomes animados em gênero masculino e feminino” [grifos do autor]. Sobre essa questão observe o seguinte esquema:

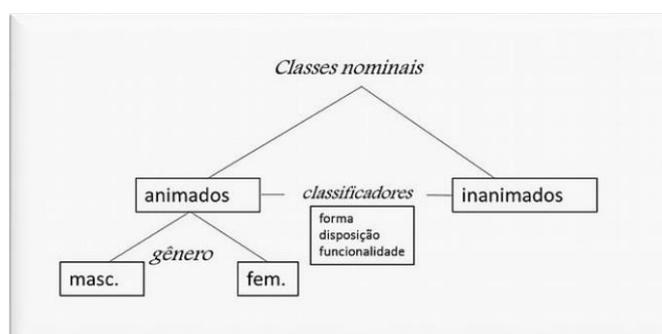


Figura 2 – Hierarquia da classificação nominal em Kubeo
Fonte: SATELES, 2019

As palavras dentro da CB estão inseridas, de maneira geral, na classe de seres inanimados no Kubeo (cf. Chacon, 2012). Por isso, semanticamente e morfologicamente,

estão sujeitas a certas regras da língua, que, em sua maioria, já foram descritas nas seções anteriores. Além disso, suas raízes estão inseridas dentro grupo dos substantivos massivos, em que os:

Inanimate nouns are further classified in COUNT and MASS, with more detailed classifications of count nouns. [...] Mass nouns form the majority of inanimate nouns in Kubeo. They refer to non-discrete entities, such as substances (sand, water, etc.), all plants, emotions, ideas, and diseases (CHACON, 2012, p. 237).

Sendo assim, sobre o sistema de classificação nominal do Kubeo, Chacon (s.d., p.

1) apresenta que: “Kubeo has two relatively integrated and independent nominal classification systems, which I refer as ‘gender’ and ‘class marker’ (CM)” – seguiremos usando essa mesma nomenclatura. Sobre esses dois sistemas de classificação, Chacon (s.d., p. 2) apresenta que:

Gender classifies all nouns based on animacy and sex. It is coded by a set of forms fused with other grammatical categories, such as number, person and tense-aspect-modality-evidentiality, functioning as noun formatives, nominalizers, as well as markers of agreement at the NP⁶ ad subject-predicate level. **CM** classifies many nouns based on 16 morphemes that code physical properties of inanimate and some animate non-human nouns. They are monosyllabic enclitic nouns who function as formatives as well as heads of nominalizations and agreement markers. The system of CM forms a semi-open class, complemented by several nouns, which will be referred as **repeaters**. These are free standing nouns, who control agreement by copying themselves in an NP modifier [grifos do autor].

Além disso, o autor ainda apresenta que essa estrutura de classificação é muito comum nas línguas do Noroeste Amazônico, o que inclui todos as línguas da Família Tukáno, além de línguas de outras famílias como: Sikuni, Mi-raña, Baniwa-Koripako, Munduruku, Kairri, entre muitas outras (cf. Chacon; Sateles, 2019).

Sobre *gender*, Chacon (s.d., p. 3) descreve quais classes de nomes e referenciais ele contempla dentro da língua e, também, faz uma distinção sobre o léxico que *gender* e CM abrangem. Observe:

Gender and CM have different meanings and a distinct partition of the lexicon. Animacy-based gender (animate vs. inanimate) covers the entire lexicon, so every noun is either animate or inanimate. Animate gender covers all humans, all animals, all spirits, all stars, moon, sun and rainbow. Sex-based gender is restricted to animates only. It is obligatory for most human nouns and for many animate non-human nouns. The expression of sex-based gender is based on an interlocking sub-gender system to animate nouns, [...]. Inanimate gender comprises plants, fungi, minerals, places, objects, substances, diseases, names of actions and states, as well as abstract things, thoughts, saying and emotions. The expression of gender is pervasive in Kubeo grammar and always fused with the

⁶ A sigla NP nesse contexto se refere à “Noun Phrase” – Sintagma Nominal (SN).

expression of other grammatical features, especially number, person, deixis and nominalizations.

Em contraste, o CM abrange um outro grupo lexical, com funções e papéis classificadores, por isso, Chacon (s.d., p. 4) apresenta que: “By contrast with Kubeo’s gender system, CM form a set of enclitic nouns, rather than fusional suffixes”. Sobres os CMs, ele ainda completa que:

They basically code physical properties of inanimate and non-human animate nouns, but function as agreement markers only for inanimates. There are 16 CMs in Kubeo [...]. They do not classify all nouns, as gender does, but there is a great amount of conventionalization in the use of CM and noun roots, although re-categorization of nominal referents is attested. The number of agreement targets a CM is found is also more limited than the distribution of gender (CHACON, s.d., p. 4).

Na tabela a seguir Chacon (s.d.) apresenta a semântica e o significado dos 16 CMs mencionados anteriormente. Vale destacar que nesta tabela podemos ver exemplos de CMs que já foram apresentados neste artigo, nas tabelas 1, 2 e 3, que são fragmentos do nosso *corpus* (ver seção 2.1). Observe:

General semantics	CM	Meaning	
Shape and Dimension	di	3D round, 2D circular	
	ka	3D amorphous	
	bo	3D bulky, round, oval	
	do	3D concave	
	kũ	3D convex	
	bi	3D container	
Shape, Dimension, Orientation	wa	2D wide flat	
	we	2D long flat	
Shape, Dimension, Consistency	me	1D flexible and thin	
	mu	1D flexible and thick	
	yo	1D rigid and pointed	
Plant and Shape	ñi	palm, hollow, tube	
	ki	tree, vertical	
Arrangement	ba	Articulated, tied up, woven	
Uniques	River	ja	river
	Building	yami	building

Figura 3 – Class marker morphemes
Fonte: CHACON, s.d.

Dos CMs presentes nas tabelas, alguns também foram encontrados em nosso *corpus*, são eles: *du*, *bo*, *kũ*, *bu*, *wa*, *we*, *me*, *mu*, *yo*, *ñu* e *ku*. Ao expor a questão dos “repetidores”, o mesmo autor apresenta alguns dos repetidores mais frequentes dentro do Kubeo, destacamos: *yoka* e *yabe*, que são alguns dos marcadores mais recorrentes dentro do nosso *corpus* (ver Tabela 1 [seção 2.1]). Assim sendo, sobre os repetidores e os CMs no Kubeo, temos que:

The CM form a “semi-open” system with the so-called repeaters. Rather than a single coherent class, repeaters can be seen as a residue of inanimate singular object nouns that do not control agreement by a CM or a gender marker in certain

syntactic targets within the NP. Instead, they “copy” themselves at every agreeing or anaphoric NP as way to track the discourse reference and syntactic relations. Frequent repeaters in the current *kobe* ‘hole’, *ma* ‘path’, *hãrãwi* ‘day’ (and all time-related nouns), *tawa* ‘place’, *pũrãwi* ‘side’, ‘, *yoka* ‘leaf’, *yabe* ‘seed, nut’, *pie* ‘basket’, *kađawa* ‘rack’, etc (CHACON, s.d., p. 5).

Em nosso *corpus*, foram encontrados diversos morfemas classificadores dentro dos grupos de palavras que estão inseridos na CB, que são: plantas, frutos, folhas e coletivo. Como é apresentado por Chacon (s.d.), *gender* e CMs são obrigatórios na formação de substantivos, pois são exigidos para que ocorra uma individualização do referente. Observe o seguinte panorama sobre essa questão:

There is a divide in Kubeo lexicon that contrasts singular and non-singular nouns (mass, collective and set nouns). This distinction is orthogonal to the animate vs. inanimate distinction. As noun formatives, gender and CM are obligatorily required to individuate non-singular nouns; otherwise, they are absent in inherently singular nouns (CHACON, s.d., p. 6).

Para darmos início a análise direta do nosso *corpus*, precisamos ter em mente o que é apresentado por Chacon (s.d.) sobre os tipos principais de morfemas, as principais regras morfológicas e retomar conceitos sobre a classificação nominal do Kubeo. Em sua análise de descrição mais recente sobre o sistema nominal do Kubeo, Chacon (s.d.) descreve que:

Kubeo distinguishes three main morpheme types: roots, affixes and clitics. Repeaters are coded by roots; CM are clitic nouns; and gender-number markers are affixes (although *nomíwa* is a repeater and *=wi* ‘animate collective’ is a clitic) [...]. Gender is expressed by affixes where gender is fused with deictic and verbal categories. By contrast, CM and repeaters combine compositionally with deverbalizers and plural marking (CHACON, s.d., p. 20).

Com base em tudo o que foi apresentado podemos afirmar que a principal função dos classificadores, além de classificar, é a de individualizar o referencial ao qual ele está associado. No *corpus* para este trabalho, foram encontradas palavras com as mais variadas estruturas e combinações, por isso, na próxima seção começaremos partindo da análise de padrões morfológicos mais simples e recorrentes na língua e prosseguiremos para a análise de dados mais particulares e incomuns, dentro das subcategorias da CB.

4. ANÁLISE E DESCRIÇÃO

A CB em Kubeo foi escolhida não somente por se tratar do produto de um trabalho de análise com os dados que irão compor o dicionário multilíngue, mas, também, pela importância cultural que as plantas silvestres têm para esse povo, não só na alimentação, mas em diversas áreas, desde a construção até confecção de artefatos de cunho religioso. Um exemplo disso são a produção de utensílios/objetos do cotidiano (canoas, remos,

barcos, jarros, etc.) e o uso como fármacos, com os mais diversos propósitos. A planta que os Kubeo chamam de *vahokaku*, por exemplo, segundo a tabela elaborada na oficina de 2011, foi dada a seguinte utilidade: “*La fruta es comestible, con el latex se saca el breo, remedio contra la mordedura del surucucú, con el tallo se hace banca*”.

Ao optarmos por segmentar as palavras coletadas em duas funções básicas – raiz lexical e morfema classificador – podemos analisar separadamente cada uma delas, e observarmos os elementos que às compõem. Assim sendo, precisamos deixar claros dois conceitos, o primeiro é o de *raiz*, que “[...]é o elemento irreduzível e comum às palavras derivadas” (PETTER, 2005, p. 71). Já *morfema*, entendemos, de maneira geral, como: “signos mínimos que indicam tanto o significado lexical quanto o gramatical” (PETTER, 2005, p. 63). A seguir, apresentaremos questões gerais sobre a formação de palavras da CB, sobre as estruturas encontradas e sobre os classificadores que encontramos em nossa pesquisa e que compõem nosso *corpus*. Por fim, apresentaremos as estruturas possíveis encontradas em cada uma das subcategorias da CB e algumas outras informações que sejam relevantes para cada uma das classes de palavras que iremos trabalhar.

4.1. Padrões gerais e estruturas morfológicas

Como já mencionado anteriormente, dentro da CB temos quatro subcategorias de palavras: planta, fruto, folha e coletivo. Com isso, a partir desse momento iremos dividir morfemas classificadores em dois grupos: (i) **clíticos com função classificadora** (CFC) e (ii) **raízes com função classificadora** (RFC). Assim, a noção de morfema classificador agrupa o que é analisado como repetidores (ou nomes) e classificador (ou MC) por Chacon (s.d). Esta foi a maneira encontrada para generalizar e reagrupar elementos morfológicos do Kubeo, para tornar mais ampla a nossa análise semântica e deixar mais precisa a descrição das estruturas morfológicas das palavras dentro da CB.

O padrão mais recorrente que encontramos em nosso *corpus* é o em que os classificadores de planta são clíticos que se acoplam à raiz lexical; os classificadores de fruto e folha são raízes nominais que acompanham a raiz lexical numa estrutura de palavra composta; e os classificadores de coletivos são a junção do respectivo classificador de planta com o marcador de plural *-a* (ver Chacon, 2012, p. 38). Observe um exemplo:

Tabela 7

Palavra	Raiz Lexical	Mof. Class.	Categoria
kõhãñu	kõhã	-ñu	Planta

kõhã yabe	kõhã	=yabe	Fruto
kõhã bohũ	kõhã	=bohũ	Folha
kohañua	koha	-ñũ -a	Coletivo

Isso representa as formas mais recorrentes encontradas na língua para cada uma das subcategorias, que, com base em nos nossos dados, podemos dizer que se trata do padrão morfológico do Kubeo para as palavras da CB. Mas, como veremos nas próximas seções, existem várias outras estruturas lexicais que fogem um pouco desses padrões. Sobre o nome de cada umas essas quatro subcategorias, temos que:

- **Planta:** Sobre o nome das plantas, encontramos como principal morfema classificador o sufixo **-ku**, que dentro dos 233 nomes de plantas coletados, 155 são classificadas com esse morfema.
- **Fruto:** Na subcategoria dos frutos, foram catalogadas 148 palavras, sendo o morfema classificador mais recorrentemente usado após a raiz lexical – como no padrão representado na tabela 4 – a raiz nominal **=yabe**, que apareceu 43 vezes, sendo sete delas, acompanhados pelo sufixo **-a** (pluralizador). Também encontramos **-du**, **-bo**, entre outros.
- **Folha:** Nos nomes de folhas o morfema classificador mais comum foi a raiz nominal **=yoka**, que foi encontrado 44 vezes, em um grupo de 116 palavras referentes à folha.
- **Coletivo:** por último, temos dois padrões para o coletivo, sendo o mais recorrente aquele que toma o morfema classificador para planta (**-ku** ou **-ñũ**) e a marca de plural **-a**, que está na subcategoria dos coletivos e apareceu 67 vezes dentro de 117 palavras referentes aos coletivos⁷ e outra que são de classificadores que não precisam da marca de plural para exercer essa função coletivizador como **-wa** e **-bo**.

Com base nisso, podemos generalizar que os padrões morfológicos que vemos na tabela 4 correspondem às seguintes estruturas:

⁷ Lembrando da influência que existe entre o morfema classificador de planta e o de coletivo, o que se assemelha com a língua portuguesa em exemplos como goiabeira (planta) e goiabeiras (plural).

raiz.lexical-clítico.class(-plural)

raiz.lexical=raiz.class.(-plural)

Como vemos nos modelos acima, as raízes lexicais que identificam a planta enquanto um termo genérico são combinadas com uma raiz e ou clítico que funcionam como um classificador. Essa estrutura é semelhante a processos de composição, que segundo Petter (2005):

O processo de composição junta uma base a outra, com ou sem modificações de sua estrutura fônica; [...] Os elementos do composto apresentam uma relação entre um núcleo e um modificador (especificador), entre um determinado e um determinante (PETTER, 2005, p. 72).

No caso do Kubeo, os morfemas classificadores seriam o núcleo, pois, dentro do sintagma nominal (SN), eles quem carregam o principal valor semântico da palavra. Isso ocorre pelo fato de as raízes lexicais dentro da CB serem termos massivos, como já apresentado, e os classificadores – sendo CFC ou RFC – sejam utilizados com a função de especificar ou individualizar o referencial.

4.1.1. Raízes Lexicais

Conforme nossos dados, existem dois tipos de raízes lexicais na CB, um que quando não recebe um classificador pode fazer parte de outra classe, a dos nomes por exemplo, se referindo a objetos, elementos da natureza, etc., mas que com o uso dos classificadores ela passam a se referir às palavras da CB; e outras que são inerentemente raízes lexicais que se referem à plantas, como no caso de *koko* (empréstimo de coco) e *ũrẽ* (pupunha, tipo de palmeira). Outro ponto que vale destaque sobre essas raízes é a questão de terem a base lexical simples ou compostas. No caso de raízes de base simples, temos o exemplo da raiz: *vako-* que é encontrada com os seguintes morfemas classificadores:

Tabela 8

	Palavra	Raiz Lexical	Morf. Clas.	Subcategoria
8	vakoku	vako	-ku	Planta
8	vakobu	vako	-bu	Fruto
8	vako yoka	vako	=yoka	Folha
8	vakokua	vako	-ku -a	Coletivo

(Retirada do *corpus*)

Com isso, podemos observar que se trata de apenas uma palavra no campo referente à raiz lexical, que é diferente do que acontece com raízes de base lexical composta. Um exemplo de raiz lexical composta seria a raiz: **bubu mene-**, chamamos esse tipo de raiz de composta pelo fato de que é necessário o uso de duas, ou mais, palavras para a denominação das subcategorias da CB referentes. Destacamos que os morfemas classificadores vão se acoplar, em sua maioria, à última palavra da raiz com base lexical composta, como ocorre com o exemplo dado anteriormente, observe:

Tabela 9

	Palavra	Raiz Lexical	Morf. Clas.	Subcategoria
29	bubu meneku	bubu mene	-ku	Planta
29	bubu meneme	bubu mene	-me	Fruto
29	bubu meneku yoka	bubu mene	-ku =yoka	Folha
29	bubu menekua	bubu mene	-ku -a	Coletivo

(Retirada do *corpus*)

Uma exceção a essa regra é a raiz com base lexical composta **hure-ku boba-ku**, em que encontramos o morfema classificador nas duas palavras da raiz lexical. A palavra **hureku** é a junção de **hure**, que significa “casca”, com o classificador **-ku** (cf. Chacon, 2012). Para exemplificar melhor, Chacon (2012, p. 320) apresenta a seguinte estrutura: **hoki-i hure**, que ele traduz com “casca de árvore”.

Portanto, as raízes lexicais tem uma função importante na identificação da espécie de plantas em nosso *corpus*. Porém, são uma parte menos complexa na morfologia das palavras da CB, se comparadas com os morfemas classificadores, que necessitam de uma análise mais detalhada para suas descrições.

4.1.2. Morfemas Classificadores

Antes de iniciarmos a análise dos morfemas classificadores presentes em cada uma das quatro subcategorias da CB, precisamos explicar que na tabela seguinte o número que segue uma dessas subcategorias, refere-se à quantidade de vezes que aquele morfema apareceu dentro daquela(s) subcategoria(s), com base nas 614 palavras catalogadas. Por exemplo, o CFC **-bu** foi encontrado apenas duas vezes dentro de todo o *corpus* e com a função de classificador de fruto. Além disso, destacamos que algumas estruturas dentro do que chamamos de morfemas classificadores são usadas de uma maneira muito mais pragmática, que representa muito mais a relação entre o povo Kubeo e aquela respectiva

planta, fruto, etc., do que questões puramente semânticas. Um exemplo disso é o que vamos observar questões em que ocorrem o uso de classificadores que especificam forma, por exemplo, como é o caso de **-bo**.

Portanto, antes de tudo vamos apresentar os morfemas classificadores existentes dentro da CB e vamos entender o(s) sentido(s) e/ou função que cada um desses classificadores podem carregar/apresentar. Com base na descrição do Kubeo feita por Chacon (2012) e na tabela “Listas de morfemas e glosas”, elaboramos a seguinte tabela que lista todos os morfemas classificadores em nosso *corpus*:

Tabela 10

Morfemas	Glosa
-bo	redondo/oval
-bu	algo que contem ou pode conter outra coisa
-du	Circular
-hĩ	Diminutivo
-kũ	agrupamento/coleção de entidades discretas
-ku	árvores
-me	forma de linha fina
-mu	forma de linha grossa (mais espeço que -me)
-ñu	classificador de palmeira
-wa	superfície plana
-we	plano/forma de lâmina
-yo	alongado e pontiagudo
=bohu	folha
=harabo	raiz/forquilha
=hě	pegar
=kave	asa
=kowu	flor
=ñu	classificador de palmeira
=yabe	sementes/fruto
=yoka	folha
-a	plural (inanimados)
=kĩhi	pequeno-palmeira

Vejamos a existência de dois tipos de classificadores existentes dentro da CB: os CFCs, como **-ku** e **-ñu**, que estão diretamente acoplados as raízes lexicais, como sufixos; e as RFCs, como **=yabe** e **=yoka**, que não funcionam como afixos e são encontradas depois das raízes lexicais, como apresentado na seção 2.1.1.

Analisamos também todas as combinações sintagmáticas de palavras com um ou mais morfemas classificadores. A tabela XX apresenta essas combinações e os tipos de subcategorias semânticas que eles codificam. Observe:

Tabela 11⁸

Morf. Class.	Categoria(s)
=bohu	Folha (15)
=harabo	Fruto (1)
=hẽ -i -mu -a	Fruto (1)
=kave	Fruto (1)
=kave -a	Plantas (1)
=kowu	Fruto (2)
=kowu -a	Fruto (2)
=kowu -bo	Fruto (1)
=yabe	Fruto (35) e Folha (1)
=yabe -a	Fruto (8)
=yoka	Folha (44)
-bo	Planta (6), Fruto (5) e Coletivo (4)
-bo =kowu	Fruto (1)
-bo =yoka	Folha (1)
-bo -a	Coletivo (4) e Fruto (1)
-bu	Fruto (2)
-bu -a	Fruto (1)
-du (-ru)	Fruto (30) e Planta (2)
-du =kowu	Fruto (2)
-du =yoka	Folha (1)
-du -a	Fruto (5), Coletivo (3) e Planta (1)
-hĩ -ñu =yoka	Folha (1)
-hĩ -ñu -a	Coletivo (1)
-kũ	Fruto (2)
-ku	Planta (156) e Fruto (1)
-ku =hẽ -i =yabe	Fruto (3)
-ku =hẽ -i =yabe -a	Fruto (2)
-ku =hẽ -i -bu	Fruto (1)
-ku =hẽ -i -du -a	Fruto (3)
-ku =hẽ -i -me -a	Fruto (1)
-ku =hẽ -i -mu -a	Fruto (1)
-ku =hẽ -i -we -a	Fruto (3)

⁸ Antes de prosseguirmos é preciso dizer que existem alguns dados na tabela acima que consideramos como possível equívoco dos kubo no momento das oficinas. São eles: o único uso de **=yabe** para classificar folha; o único caso de **-bo -a** como classificador de fruto; o único caso de **-du -a** como classificador planta; o único caso de **-ku** como classificador de fruto; o único caso de **-ku =yoka** como classificador de fruto; o único caso de **-ku -a** como marca de coletivo; e o único caso de **-mu** como marca de coletivo.

-ku =kowu	Fruto (2)
-ku =kowu -a	Fruto (1)
-ku =yabe	Fruto (3)
-ku =yabe -a	Fruto (2)
-ku =yoka	Folha (35) e Fruto (1)
-ku -a	Coletivo (66) e Folha (1)
-me	Fruto (2)
-me -a	Planta (1)
-mu	Planta (24) e Coletivo (1)
-mu =hẽ -i =yabe -a	Fruto (1)
-mu =kowu	Fruto (6)
-mu =yabe	Fruto (1)
-mu =yoka	Folha (5)
-mu -a	Coletivo (8)
-mu -a =yoka	Folha (2)
-ñu	Planta (35)
-ñu =bohu -a	Folha (1)
-ñu =hẽ -i -du	Fruto (2)
-ñu =yabe	Fruto (2)
-ñu =yabe -a	Fruto (2)
-ñu =yoka	Folha (7)
-ñu -a	Coletivo (17)
-ñu -a =kĩhi -ñu -a	Planta (1)
-wa	Coletivo (12)
-we	Fruto (3)
-we -a	Fruto (1)
-yo	Planta (4)
-yo -a	Coletivo (1)
-me -du	Folha (1)
Ø	Fruto (4) e Planta (2)

Observando a existência dessa diferentes estruturas e combinações possíveis apresentadas na Tabela 11, optamos por elaborar uma outra tabela que mostre de maneira mais simplificada todas combinações possíveis encontradas dentro da tabela anterior. Isso irá contribuir para as nossas análises e descrições das próximas seções. Observe:

Tabela 12

RL
RL+RFC (+PURAL)
RL+CFC (+PURAL)
RL+RFC+CFC
RL+CFC+RFC (+PLURAL)
RL+CFC+CFC (+PLURAL)

RL+CFC+CFC+RFC
RL+CFC+PLURAL+RFC
RL+V.NMZ+CFC+PLURAL
RL+CFC+V.NMZ+CFC (+PLURAL)
RL+CFC+V.NMZ+RFC (+PLURAL)
RL+CFC+PLURAL+ADJ+CFC+PLURAL

Siglas:

- RL: raiz lexical;
- RFC: raiz com função classificadora;
- CFC: clítico com função classificadora;
- V.NMZ: verbo nominalizado;
- ADJ: adjetivo.

Agora que já foram apresentados os morfemas classificadores dentro da CB do Kubeo, seus tipos, seu sentidos/significados, em quais subcategorias podem ser encontrados e as possíveis combinações existentes entre eles, podemos iniciar a análise e descrição de cada um deles conforme as subcategorias em que se encontram.

4.1.2.1. Classificadores de Plantas

Na subcategoria da CB intitulada de Plantas⁹, se refere a todas as plantas silvestres encontradas no *corpus*, desde palmeiras até espécies de arbustos, por exemplo. Foram coletadas 233 palavras que se referem à plantas enquanto um “pé de árvore” ou de “palmeira”, nos anexos apresentamos imagens de algumas dessas plantas. Os kubeo usam morfemas classificadores específicos para se referir à árvore ou à palmeira em si, e não a uma de suas partes, como por exemplo a folha ou o fruto. Os morfemas classificadores encontrados nessa subcategoria foram:

Tabela 13

-ku
-ñu
-mu
-yo
-bo

⁹ Vale ressaltar que não existe relação direta entre o morfema classificador de plantas e seus respectivos morfemas de fruto e folha relacionados à mesma raiz lexical, apenas com o de coletivo, como em **-ku** (planta) e **-ku -a** (coletivo), mas não trata-se de uma regra, como vemos em outros padrões como na palmeira **nei-ñu** em que seu coletivo é **nei-bo** – veremos essa questão mais à frente.

∅
=kave -a
-me -a
-du

O primeiro morfema classificador que apresentaremos da subcategoria de plantas, e o mais recorrente dentre os morfemas da CB, é o CFC **-ku**. Ele foi encontrado 156 vezes, em um grupo de 233 nomes de espécies de plantas, ou seja, ele corresponde a aproximadamente 66,5% dos morfemas classificadores de plantas em Kubeo, sendo assim, **-ku** é considerado o principal classificador de plantas em Kubeo (cf. Chacon, 2012 e Chacon, sd.), principalmente pelo seu alto índice de ocorrência nos dados. Ele ocorre, majoritariamente, depois da raiz lexical, em caso de raízes de base simples, e depois da segunda palavra de raízes de base composta, com exceção do caso apresentado na seção 4.2.1 *Raízes Lexicais*.

O CFC **-ku** nas oficinas de 2011 quando foram usados os livros do Lorenzi, este classificador ocorreu sobretudo nos volume 1, 2 e 3 do livro *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil* (Lorenzi, 2008; Lorenzi, 2009a; e Lorenzi, 2009b), mas crucialmente não ocorre com palmeiras, que foram descritas no livro *Flora brasileira Lorenzi: Arecaceae (palmeiras)* de Lorenzi et al. (2010). Isso mostra uma clara demarcação semântica de **-ku** frente **-ñu**, como será visto mais à frente. Alguns exemplos do uso de clítico como morfema classificador são:

vahoka-ku → raiz lex.-árv.

du-ku → raiz lex.-árv.

karapa-ku → raiz lex.-árv.

kuhūmeni-ku → raiz lex.-árv.

Com base em Lorenzi (2009b), os Kubeo participantes da oficina de 2011, identificaram **vahokaku** como sendo, respectivamente, a planta que o autor identifica como *Couma macrocarpa*. Além disso, ele apresenta, também, os nomes populares dessa planta em português, sendo alguns deles: “cumã-açu, cumã-uçu, cunã-açu (AM), sorva [...]” (LORENZI, 2009b, p. 35). Como já apresentado no início da seção 4, para os Kubeo

essa planta possui um fruto comestível, pode ser utilizada como remédio e na produção de objetos como bancos.

Prosseguindo com os exemplos, *duku* foi identificada como a planta que Lorenzi (2009b), identifica como *Eschwellera nana*, que em português pode ser conhecida por: “tucari, tucari-do-campo, sapucaia, sapucainha” (LORENZI, 2009b, p. 187). Sobre sua utilidade, os Kubeo preencheram na tabela da oficina de 2011, que seria uma: *Especie de cargueiro*. Já *karapaku*, é nomeada por Lorenzi (2009b), como *Hymenaea martiana*, que é popularmente conhecido em português como “jatobá-miúdo, jatobá, jatai” (LORENZI, 2009b, p. 128), sendo que, para os Kubeo, o fruto dela é comestível.

Por último, temos *kuhumeniku*, que os Kubeo identificaram como sendo a mesma planta que Lorenzi (2009b) classificou como de *Caryocar edule*. No português ela é popularmente conhecida como: “pequi-vinagreiro, vinagreiro, pequiá, pequiá-bravo [...]” (LORENZI, 2009b, p. 72). Na oficina de 2011, os kubeo, na parte de utilidade da planta, disseram se tratar de uma planta tóxica, escreveram apenas: *Barbasco-tòxico*, que trata-se de um veneno para pegar peixe, conhecido como “timbó” no português regional.

O próximo morfema classificador e o segundo mais comum na classificação da subcategoria de plantas é o CFC *-ñu*, que tem a função de classificar uma espécie específica de plantas, que são as palmeiras (cf. Chacon, sd.). Durante as oficinas com uma das comunidades kubeo, ao ser apresentado o livro *Flora brasileira Lorenzi: Arecaceae (palmeiras)* de Lorenzi et al. (2010), os participantes identificaram só nesse livro, cerca de 27 plantas/palmeiras, todas com uso desse clítico. Além disso, ainda tivemos algumas outras palmeiras apontadas pelos Kubeo em outras atividades das oficinas, o que totalizam o uso do *-ñu* sendo acoplado 35 vezes a raízes lexicais.

Alguns exemplos de palavras que encontramos o uso de *-ñu*, foram:

kõhã-ñu → raiz lex.-palm.

vahu-ñu → raiz lex.-palm.

tara buçi-ñu → raiz lex.comp.-palm.

vaçi-ñu → raiz lex.-palm.

Com base em Lorenzi (2010), os kuboos identificaram **kõhãñu** como sendo, respectivamente, o que o autor nomeia como *Aphandra natalia*, que é popularmente conhecida como: “piassaba; piaçaba; piaçava” (LORENZI, 2010, p. 37). Agora, a palmeira **vahuñu**, em Lorenzi (2010, p. 52) refere-se à *Astrocaryum gynacanthum*, conhecida como: “mumbaca; marajá-açu”. Já a palmeira **tara buçiñu**, Lorenzi (2010, p. 72) a classifica como *Attalea barreirensis*, que também é chamada de “coco-de-carçoço (PI); catolé (BA)”, nessas respectivas regiões. Por último, a palmeira chamada pelos kuboos de **vaçiñu**, em Lorenzi (2010, p. 277) é identificada como *Manicaria saccifera*, e possui os seguintes nomes populares: “ubuçu; buçu; bussu; geruá”.

Sobre suas utilidades, os kuboos participantes das oficinas relataram as seguintes informações: **kõhãñu**: *pepas comestibles*, ou seja, possui sementes comestíveis; **vahuñu**: *se utiliza palo para la siembra de yuca*, que podemos traduzir como “a madeira é utilizada no plantio de mandioca”; **tara buçiñu**: também tem as sementes comestíveis; e por fim, **vaçiñu**: *material para el techo de la casa*, ou seja, utilizado na construção, mais especificamente na parte do teto das casas.

O próximo morfema classificador é CFC o **-mu**, ele foi encontrado em 24 palavras da subcategoria de planta e em Kubeo é usado para especificar que aquele nome se refere a algo com uma “forma de linha grossa”, ou seja, ele é um classificador que descreve a morfologia física da planta referente. A partir disso, vamos observar algumas das plantas que encontramos em que esse morfema foi usado:

baba-mu → raiz lex.- planta

bioro-mú → raiz lex.- planta

kamaða-mu → raiz lex.- planta

mimi-mu → raiz lex.- planta

A planta **babamu** é a mesma que Lorenzi (2009b) classifica como *Clusia fluminensis*, e que é popularmente conhecida por “manga-da-praia” (LORENZI, 2009b, p. 87). Para os Kubeos ela tem as seguintes utilidades: *Se utiliza para el tejido de artesanías, remedio para la fractura*, ou seja, é utilizada na produção de tecidos artesanais e como remédio para fraturas. Já a planta chamada de **bioromú** pelos Kubeos é classificada como *Ficus dendrocida* por Lorenzi (2009a) que possui os seguintes nomes populares:

“mata-pau; figueira-mata-pau” (LORENZI, 2009a, p. 253), sendo que para os kubo ela é apenas um árvore silvestre.

A planta *kamađamu*, assim chamada em Kubeo, é nomeada de *Aspidosperma riedelii* em Lorenzi (2009a) e chamada popularmente de “guatabuzinho; peroba-branca; perobinha-branca” (LORENZI, 2009a, p. 39). O cipó dessa planta é utilizado, pelos kubo, para tecer o artesanato tradicional, eles disseram: *bejuco para tejer la artesanal tradicional*. Por último, a planta *mimimu*, conhecida também por *Couma utilis* e por “sorvinha; sorva; sorva-miúda; sorva-pequena; cumâ”, como é apresentado por Lorenzi (2009a, p. 42), que os kubo relataram ser um *bejuco de colibrí como chundul para hombres*, que pode ser traduzido como: “cipó de beija-flor usado como feitiço para homens”.

O último dos quatro principais classificadores dessa subcategoria é o *-yo*, que carrega o sentido de “alongado e pontiagudo”, que também é um especificador da morfologia física da planta. Ele também é um CFC e foi encontrado em quatro palavras no nosso *corpus*, essas palavras são:

eo hoku-yo → raiz lex.comp.- planta

hara ñemi-yo → raiz lex.comp.- planta

kârũ-yo → raiz lex.- planta

biaihidi-yo → raiz lex.- planta

Com isso, vale destacar que, apenas *eo hokuyo* foi apontada com base nos materiais de Lorenzi, as outras 3 plantas, *hara ñemiyo*, *kârũyo* e *biaihidiyo*, foram listadas na oficina de 2010, em que não ocorreu um consulta em um livro, pois nela "um grupo formado por professores, alunos e sabedores da comunidade de Querari trabalhou por cerca de dois dias e elencou cerca de 149 espécies de plantas silvestres" e sem nenhum estímulo externo, como apresentado na seção 2. Sendo assim, *eo hokuyo*, é classificada por Lorenzi (2009b, p. 127) com o nome científico de *Elizabetha speciosa*, e o nome popular de “araparirana”. Essa planta é usada como sabão/sabonete tradicional, segundo os Kubeo, seria um: “*Jabòn tradicional*”.

Agora abordaremos a questão dos casos dos morfemas classificadores menos comuns e que às vezes não são exclusivos da subcategoria das plantas. O primeiro que iremos descrever é o CFC **-bo**, que, apesar de ser encontrado no *corpus* 6 vezes classificando plantas – que é mais que o CFC **-yo**, encontrado apenas 4 vezes – ele é encontrado classificando, também, frutos e até mesmo com a função de coletivizador. Essa questão de ser encontrado em várias subcategorias pode ser explicada pelo fato de esse CFC carregar o sentido de “redondo/oval” (CHACON, 2012, p. 244). Observe o que Chacon (2012), apresenta sobre esse CFC:

Shape classifier. It designates any noun with a shape that is not fully rounded, but still resembles a ball. The perception of "ovalness" is related to the whole body (such as in the words on the left rock: leaf bundle, knee, shoulder) or to a considerable portion of the body (such as duck, paca, rat, pineapple, etc.) (CHACON, 2012, p. 244)

Com isso, podemos observar a diversidade de campos lexicais em que esse morfema classificador pode ser encontrado no Kubeo, o que não foge dos dados encontrados, já que ele é um classificador de forma e pode ser usado de acordo com a percepção dos falantes e usuário do Kubeo.

Sobre os nomes de planta que foram descritos pelos Kubeo sem a presença de um classificador, ou seja, com morfema zero (\emptyset), foram: **vaeboko** e **beho çina**. Sobre **beho çina**, podemos dizer que pode ou não se tratar de um equívoco, pelo fato de que pode existir a possibilidade de essa raiz, apesar de composta, ser um referencial culturalmente tão marcado e explícito que não exija um marcador – o que não achamos que seja o caso. O que nos leva a acreditar que seja um equívoco, mas sem descartar a primeira hipótese, é fato de que quando comparada com as outras palavras das outras subcategorias ela possui as seguintes formações:

Tabela 14

Beho çina	Beho çina	\emptyset	Planta
Beho çina yabea	Beho çina	=yabe	Fruto
Beho çina yoka	Beho çina	=yoka	Folha
Beho çinañua	Beho çina	-ñu -a	Coletivo

(Retirada do *corpus*)

O que nos leva a acreditar na segunda hipótese é o fato de que o morfema de coletivo como: **-ñu -a**, só ocorrem com essa estrutura por influência do morfema usado para classificar planta, pois só se utiliza em Kubeo **-ñu -a**, porque o falante já tem em mente

que o respectivo classificador de planta é **-ñu**, e para coletivizar ele precisa apenas acrescentar a marca de plural **-a**, conforme já foi apresentado. Já sobre **vaeboko**, não podemos dizer a mesma coisa, pois durante as oficinas os kubeo não identificaram outras subcategorias partindo dessa raiz. Mas, além disso, essa planta foi identificada e nomeada na oficina de 2010, em que os participantes desenharam as plantas listadas e **vaeboko** foi desenhada como uma planta com cipós, o que nos leva a acreditar na real existência de um \emptyset , nessa subcategoria.

Os seguintes morfemas classificadores que iremos apresentar são: **-me -a** e **=kave -a**, sendo que cada um deles é encontrado apenas uma vez no *corpus*. Os morfemas **-me** e **=kave**, quando encontrados sem a marca de plural **-a**, apesar de pouco recorrentes, estão associados a fruto, mas quando acompanhados do coletivizador, aparecem associados à plantas. Podemos dizer, hipoteticamente, que podem ser plantas em que o referente principal dessa planta sejam os frutos e, por isso, o uso desses marcadores. Com isso, possivelmente são plantas que produzem muitos frutos ou frutos em cachos, por exemplo, mas nada disso pode ser confirmado, trata-se apenas uma hipótese que, para ser comprovada, precisaria de uma análise botânica e/ou revisar os dados com os próprios Kubeo.

Encontramos também a estrutura: **-ñu -a =kīhi -ñu -a**, que ocorreu apenas uma vez e se trata da estrutura mais complexa encontrada nos dados. Apresentando o sentido que cada uma dessas estruturas carregam temos o seguinte:

RAIZ LEXICAL-PALM.-PLURAL =pequeno -PALM.-PLURAL

Por tanto, podemos dizer que se trata de uma palmeira pequena. A estrutura **-ñu -a** é típica da subcategoria de coletivos, mas nesse caso, por influência do adjetivo e por estar sendo repetida, podemos supor que esteja ocorrendo uma espécie de ênfase na língua, por conta dessa repetição. Mas, vale ressaltar, que as estruturas das outras subcategorias referentes à essa mesma raiz que **-ñu -a =kīhi -ñu -a** está acoplado, são pouco atípicas também, observe:

Tabela 15

Palavra	Raiz Lexical	Mof. Class.	Categoria
Ñumeñua kīhiñua	Ñume	-ñu -a =kīhi -ñu -a	Planta
Ñume kovubo	Ñume	=kowu -bo	Fruto

Ñimehiñu yoka	Ñime	-hĩ -ñu =yoka	Folha
Ñimehiñua	Ñime	-hĩ -ñu -a	Coletivo

(Retirada do *corpus*)

Com isso, vemos que se tratam de estruturas que fogem do padrão, quando comparadas com as outras encontradas no *corpus*. Faltaremos dessas estruturas de folha e coletivo, nas próximas seções. Mas, antes disso, destacamos o caso de **-du**, que é tipicamente da subcategoria de fruto, mas é encontrado duas vezes como classificador de planta, isso é possível por se tratar de um morfema de forma, pois ele carrega o significado de “circular” (cf. Chacon, 2012), que seria uma possível característica física de o que ele se refere, caso a planta que esse CFC nomeia, para os kubo, teria essa forma circular. O **-du** aparece na estrutura RL+CFC, como no seguinte caso:

Tabela 16

Palavra	Raiz Lexical	Mof. Class.	Categoria
Pue boredu	Pue bore	-du	Planta
Pue boredu kovu	Pue bore	-du =kovu	Fruto
Pue boredu yoka	Pue bore	-du =yoka	Folha
Pue boredua	Pue bore	-du -a	Coletivo

(Retirada do *corpus*)

Não podemos considerar como um equívoco a formação dessa palavra, pelo fato de **-du** se repetir juntamente com **=kovu** que é também usado para classificar fruto, e se repetir na previsível estrutura da subcategoria de coletivo, veremos mais sobre eles nas próximas seções. Agora, seguiremos para a descrição e análise dos morfemas classificadores de frutos.

4.1.2.2. Classificadores de Frutos

Sobre os classificadores de fruto em Kubeo, foram encontrados em nosso *corpus* cerca de 36 morfemas classificadores, com as mais variadas estruturas morfológicas, sendo catalogadas 148 palavras que compõem toda essa subcategoria de frutos. Observe:

Tabela 17

=yabe	-we	-ku =yabe	-ku =hẽ -i -mu -a
-------	-----	-----------	-------------------

=yabe -a	-we -a	-ku =yabe -a	-ku =hẽ -i -we -a
-du (-ru)	=harabo	-ku =kowu	-mu =yabe
-du -a	=kave	-ku =kowu -a	-mu =kowu
-du =kowu	=kowu	-ku =hẽ -i =yabe	-mu =hẽ -i =yabe -a
-bo	=kowu -a	-ku =hẽ -i =yabe -a	-ñu =yabe
-bu	=kowu -bo	-ku =hẽ -i -bu	-ñu =yabe -a
-bu -a	=hẽ -i -mu -a	-ku =hẽ -i -du -a	-ñu =hẽ -i -du
-me	-bo =kowu	-ku =hẽ -i -me -a	Ø

Com isso, vamos iniciar a nossa descrição partindo das estruturas mais simples para as mais complexas.

A estrutura mais comum dentro dessa subcategoria é a RFC *=yabe* sendo acoplada à raiz lexical, ou seja, RL+RFC, além disso, essa estrutura com o uso dessa RFC foi encontrada 35 vezes em todos o nosso *corpus*. Mas, essa formação também foi encontrada com o uso de outras RFCs, que foram: *=harabo*, *=kave* e *=kowu*, sendo que, para os kubeo, essas RFCs (*=yabe*, *=harabo*, *=kave* e *=kowu*) carregam os respectivos sentidos de: fruto, raiz/forquilha, asa (forma) e flor (cf. Chacon, 2012). Alguns exemplos de palavras são: *kõhã yabe*, *kui yoka harabo*¹⁰, *moã kave* e *kaibá pẽvã kowu*, mas vale destacar que, ainda na subcategoria dos frutos, as raízes *=yabe* e *=kowu*, podem ser seguidas de plural, formando a estrutura RL+RFC+PLURAL, como nas seguintes palavras: *kãrũ yabea* e *kuma kovua*. Além disso, a RFC *=kowu*, também pôde ser encontra seguida do CFC *-bo*, formando a estrutura RL+RFC+CFC, como na palavra que

¹⁰ Classificamos *=harabo* como o morfema classificador desse fruto, pelo de que a planta que produz essa fruto é chamada em Kubeo de *kui yokaku*, logo, a raiz lexical é apenas *kui yoka*.

se refere ao fruto: *ñume kowubo*, e, também, pode aparecer como RL+CFC+RFC, que seria *-bo =kowu*, que ocorre na formação do nome do fruto: *oko veibo kovu*.

Outra estrutura muito comum é RL+CFC, que foram encontradas com o uso dos classificadores: *-du*, *-bo*, *-bu*, *-me* e *-we*, que carregam os respectivos sentidos de: circular (forma), redondo/oval, algo que contem ou pode conter outra coisa, linha fina (forma), plano/lâmina (forma) (cf. Chacon, 2012). Agora, vamos apresentar quais outros morfemas podem aparecer junto desses CFCs formando novas estruturas. O primeiro é o CFC *-du*, que aparece 30 vezes como classificador de fruto nas palavras do *corpus* e é encontrado em alguns casos escrito como *-ru*, pelo fato de, como Chacon (2012, p. 71), os fones [d] e [r] em Kubeo, serem alofones do fonema /d/, em que [r] se manifesta após as vogais /a/, /u/, /o/ e /u/. Esse processo morfofonológico acaba tornando *-du* e *-ru* alomorfes de um mesmo morfema, alguns exemplos são: *hiavedu* e *pákororu*.

Em relação à esse CFC, podemos encontrar na subcategoria de frutos *-du* ligado diretamente à raiz lexical, formando RL+CFC, e também com as seguintes estruturas: RL+CFC+PLURAL e RL+CFC+RFC, correspondendo, respectivamente, à: *-du -a* e *-du =kowu*, como nas palavras *hiáveidua* e *vuvuru kovu*. As questões do uso dessas estruturas para classificação têm mais a ver com a relação do cotidiano dos Kubeo com esse fruto, do que um motivo puramente linguístico, como no caso dos alomorfes apresentados anteriormente. Outros morfemas classificadores que também seguem a ordem RL+CFC+PLURAL, são os *-bu -a* e *-we -a*, que foram encontrados apenas uma vez, cada um, que foram nas palavras referentes ao frutos: *kava pobua* e *karapawea*.

A estrutura *-du -a* não é encontrada exclusivamente nessa subcategoria de frutos, mas também é encontrada na parte de coletivos, que acaba trazendo esse sentido pela questão do uso da marca de plural. Outra estrutura que também não é exclusiva dos frutos é o CFC *-bo*, que já foi encontrado na subcategoria de plantas, como já apresentado, e também pode ser encontrado nos frutos e coletivos. Essa presença do *-bo* em mais de uma categoria pode ser explicada pela questão de ele ser um classificador de forma, ou seja, o que influencia o uso desse CFC não é a subcategoria em si, como ocorre com *-ku*, mas sim qual a forma que aquele objeto, fruto, planta, ou até mesmo, coletivo, tem para os Kubeo. Um exemplo de fruto em Kubeo com o uso desse CFC é *kúvabo*.

Para classificar frutos em Kubeo, também encontramos estruturas RL+CFC+RFC, que foram: *-ku =yabe*, *-ku =kowu*, *-mu =yabe*, *-mu =kowu* e *-ñu =yabe*. Todas essas combinações, têm um CFC de planta acoplado à raiz seguido por uma RFC típica de fruto, com isso, essa estrutura serve, no Kubeo, como uma ênfase semântica e para especificar um referencial, sendo esse referencial especificado por: *-ku*, *-mu* ou *-ñu*. Por exemplo, no caso de: *-ñu =yabe*, em que podemos observar que não se trata de qualquer fruto, mas sim do fruto de uma palmeira, e não de uma árvore classificada com *-ku* ou com a forma especificada por *-mu*, e essa lógica serve também para todos esses outros classificadores. Alguns exemplos de palavras são: *miyaku yabe*, *muháriyoku kowu*, *vārimu yabe*, *yakamu kovu* e *vaçuñu yabe*, nos casos de *-ku =yabe*, *-ku =kowu*, *-ñu =yabe*, também podem aparecer seguidas do pluralizador *-a*, formando a estrutura RL+CFC+RFC+PLURAL, com nas palavras: *bukuyokaku yabea*, *eo hokuku kowua* e *behodoa urañu yabea*.

Agora, falaremos de estruturas um pouco mais complexas do que as que já apresentamos sobre a subcategoria dos frutos. A primeira delas é *=hẽ -i -mu -a*, a estrutura *-mu -a*, nós já apresentamos e, com isso, vamos voltar nossa atenção para *=hẽ -i*, pois será importante para as próximas estruturas que serão apresentadas. Com base em Chacon (2012), temos *=hẽ* traduzido como pegar, e *-i* como um “estativo” que tem a função de derivar o verbo, mas quando aparece nesse tipo de estrutura o verbo acaba se tornando um substantivo, assim como os nomes *=yabe* e *=kowu*, transformando-se em uma RFC, que pode ser entendida como “estar pendurado”, que é uma característica da maioria dos frutos. Como exemplos temos: *=hẽ -i -bu*, *=hẽ -i -du*, *=hẽ -i -me*, *=hẽ -i -mu*, *=hẽ -i -we* e *-ku =hẽ -i =yabe*, sendo que elas ou são precedidas de um CFC e/ou seguidas da marca de plural *-a*.

Na tabela 6, onde apresentamos “V.NMZ”, estávamos nos referindo ao *=hẽ -i*, que se trata de um **verbo nominalizado**. Algumas dessas estruturas encontradas no *corpus* foram: RL+CFC+V.NMZ+RFC e RL+CFC+V.NMZ+RFC+PLURAL, que referem-se aos respectivos morfemas classificadores: *-ku =hẽ -i =yabe*, *-ku =hẽ -i =yabe -a* e *-mu =hẽ -i =yabe -a*, e são encontrados em palavras como: *dápuaku hẽi yabe*, *nahó koaveku heiyabea* e *bioromú hẽi yabea*. As outras estruturas encontradas foram: RL+CFC+V.NMZ+CFC e RL+CFC+V.NMZ+CFC+PLURAL, que se referem ao morfemas classificadores: *-ku =hẽ -i -bu*, *-ñu =hẽ -i -du*, *-ku =hẽ -i -du -a*, *-ku =hẽ -i -me -a*, *-ku =hẽ -i -mu -a* e *-ku =hẽ -i -we -a*, que são encontrados em palavras como:

- *tavariku hēibu* - fruto da planta conhecida popularmente pelos nomes: “ceru; seru; cheru; churu; ripeiro-cheru; castanha-da-serra; tauari”, segundo Lorenzi (2009b);
- *çinañu hēidu* - fruto da planta conhecida popularmente pelos nomes: “caraná; caraná-do-mato; buritirana; miritirana”, segundo Lorenzi (2010);
- *dúboaku hēidua* - fruto da planta conhecida popularmente pelos nomes: “biriba; imbiriba; biriba-branca; biriba-preta; tauarisinho (MA); ibirabá; sapucainha”, segundo Lorenzi (2009a);
- *koenórupaku hēimea* - fruto da planta conhecida popularmente pelo nome: “pau-de-ferro”, segundo Lorenzi (2009a);
- *vakuku hēimuá* - fruto da planta conhecida popularmente pelos nomes: “imbaúba-da-mata; imbaúba; taurá; imbaúba-vermelha; mataúba; sambacuim; pé-de-galinha; sambaíba-do-noite; embaúva-palmada; embaúva-branca”, segundo Lorenzi (2009a);
- *kabóku hēiwea* - fruto da planta conhecida popularmente pelos nomes: “angelim-bravo (CE); embira-de-sapo (MG); maracanã (SC); imbirinha; pau-decanzil (SC); pau-de-óleo; rabo-de-bugio (PR); sapuva; cumarurana; maracanã-da-grande (SC); tabo-de-macaco (RS, SC)”, segundo Lorenzi (2009a).

Com isso, podemos observar que quase todos classificadores seja RFC ou CFC, que seguem =*hē -i*, são também morfemas classificadores de fruto, o que apenas intensifica seus papéis semânticos dentro dessa subcategoria. Destacamos, ainda, que não colocamos V.NMZ+RFC como sendo apenas uma RFC, apesar de ser essa a sua função, pelo fato de esse processo de derivação merecer um destaque à parte na formação dessas palavras, pois além de complexo, diz muito sobre os processos de formação de palavras possíveis no Kubeo, sobre os processos cognitivos usados para a lógica semântica, dessas palavras.

Destacamos a presença da marca de plural que ocorre dentro de algumas estruturas de morfemas classificadores, como por exemplo em: =*yabe -a, -du -a, -bu -a, =kowu -a, -ku =hē -i =yabe -a* e outras que já foram apresentadas. Uma hipótese para a presença de *-a* seria que esses frutos sejam encontrados sempre em cachos ou em grande quantidade e, por isso, a necessidade dessa marcação, mas para isso se tornar uma afirmação, seria necessário uma análise morfológica não só da língua, mas também botânica, o que

infelizmente não é o nosso foco no momento. Por último, podemos dizer que as palavras que foram encontradas sem a presença de um morfema classificador, ou seja, um morfema zero (\emptyset), podem ser explicadas como um esquecimento dos Kubeo no momento das oficinas, ou que as raízes sejam referentes, para eles, ao(s) fruto(s) e que necessite apenas a marcação nas outras subcategorias, que é o que observamos nos seguintes dados do *corpus*:

Tabela 18

Palavra	Raiz Lexical	Mof. Class.	Categoria
dedimuku	dedimu	-ku	Planta
dedimu	dedimu	\emptyset	Fruto
vea menéku	vea mené	-ku	Planta
vea mené	vea mené	\emptyset	Fruto
koënokū	Koëno	-ku	Planta
koëno	Koëno	\emptyset	Fruto
Duvai huoibo	Duvai huo-i	-bo	Planta
pididuakari	pididua kari	\emptyset	Fruto
Pididuamedu	Pididua	-me -du	Folha
Duvai pididuaboa	Duvai pididua	-bo -a	Coletivo

(Retirada do *corpus*)

Com isso, encerramos esta seção e seguimos para a próxima parte, que será sobre os morfemas classificadores de folha. Nessa próxima etapa veremos estruturas um pouco mais simples e em uma quantidade significativamente menor do que apresentamos agora. A seguir, temos a seção “Classificares de Folhas”.

4.1.2.3 Classificadores de Folhas

Sobre o que estamos chamando de morfemas classificadores, podemos dizer que esses foram os encontrados em nosso *corpus* na subcategoria de frutos, ou seja, esses são os classificadores de fruto em Kubeo:

Tabela 19

=bohu	-du =yoka
=yoka	-mu -a =yoka

-bo =yoka	-ñu =bohũ -a
-ku =yoka	-me -du
-mu =yoka	-hĩ -ñu =yoka
-ñu =yoka	

Os primeiros e mais comuns classificadores de folha que encontramos, foram as RFCs =yoka e =bohũ, sendo a primeira encontrada 44 vezes e a segunda 15 vezes, todos esses caso com a estrutura RL+RCF. Semanticamente, as duas RFCs têm o significado de folha mesmo, o que explica serem os classificadores mais recorrentes dessa subcategoria no *corpus*. Alguns exemplos de palavras são: *kõhã bohũ*, *nei bohũ*, *kúva yoka* e *vako yoka*.

Outra estrutura muito comum dentro da subcategoria de frutos é a sequência RL+CFC+RFC, que correspondem aos seguintes morfemas classificadores: *-ku =yoka*, *-mu =yoka*, *-ñu =yoka*, *-bo =yoka* e *-du =yoka*. Observa-se que nas três primeira estruturas, os CFCs que antecedem =yoka, são classificadores exclusivos de plantas, que servem como ênfase semântica, para especificar que a folha nomeada trata-se de uma folha de uma árvore, no caso de *-ku*, de uma palmeira, no caso de *-ñu*, ou de uma planta com a forma expressa por *-mu*. Nos casos de *-bo =yoka* e *-du =yoka*, *-bo* e *-du* não são exclusivos da subcategoria de planta, pois como já apresentado anteriormente, são morfemas de forma e ao serem usados nessas estruturas, servem para especificar que a essa folha pertence à uma árvore de forma circular ou redonda, respectivamente. Exemplos de palavras com o uso de *-ku =yoka*, *-mu =yoka*, *-ñu =yoka*, são: *kumeku yoká*, *vãřĩmu yoka* e *ñópoñũ yoka*. Observe agora o uso *-bo =yoka* e *-du =yoka* e os uso dos CFCs dentro de outras estruturas:

Tabela 20

Palavra	Raiz Lexical	Mof. Class.	Categoria
Pue boredu	Pue bore	-du	Planta
Pue boredu kovu	Pue bore	-du =kowu	Fruto
Pue boredu yoka	Pue bore	-du =yoka	Folha

Pue boredua	Pue bore	-du -a	Coletivo
Oko veibo	Oko vei	-bo	Planta
Oko veibo kovu	Oko vei	-bo =kowu	Fruto
Oko veibo yoka	Oko vei	-bo =yoka	Folha
Oko veiboa	Oko vei	-bo -a	Coletivo

(Retirada do *corpus*)

Foram encontradas também as estruturas: RL+CFC+RFC+PLURAL e RL+CFC+PLURAL+RFC, que se referem respectivamente aos morfemas classificadores: **-ñu =bohū -a** e **-mu -a =yoka**. Com isso, podemos observar que a marca de plural nessa subcategoria pode aparecer acoplada à RFC ou ao CFC. Assim, como já explicado na seção dos classificadores de plantas e de fruto, podemos, hipoteticamente, dizer que a presença de **-a**, pode indicar alguma questão de como essa folha é encontrada na planta, por exemplo.

Os dois últimos morfemas classificadores de folha encontrados em nosso *corpus* foram: **-me -du** e **-hī -ñu =yoka**, que são encontrados nas respectivas estruturas: RL+CFC+CFC e RL+CFC+CFC+RFC. Assim sendo, **-me** e **-du**, são dois classificadores de forma, o primeiro indica “forma de linha fina” e o segundo “forma circular”, essa estrutura é encontrada classificando o folha da planta *duvai huoibo*, mas o sua folha é nomeado como *pididuamedu*, o que nos leva crer que **-me -du** esteja, ao mesmo tempo, classificando o fruto e indicando sua forma. No caso de **-hī -ñu =yoka**, ele é usado para classificar a folha da planta *ñume-ñu-a kīhi-ñu-a*, que já foi apresentada anteriormente, que por conta de **=kīhi** e **-ñu**, concluímos se tratar de uma palmeira pequena, no caso da folha dessa planta temos a presença de **-hī** que é uma forma de diminutivo em Kubeo (cf Chacon, 2012), que pode estar trazendo essa marca de “algo pequeno” do nome da palmeira, por isso, preferimos classificar **-hī** apenas como CFC, e não como adjetivo, essa marca também aparece na subcategoria dos coletivos.

4.1.2.4 Classificadores de Coletivos

Como já apresentamos, os classificadores de coletivo ocorrem em sua maioria com o uso do classificador da respectiva planta, mais a marca de plural **-a**, como ocorre no português, como falarmos da árvore “goiabeira”, por exemplo, e usamos o morfema **-s** como marca de plural, formando a palavra “goiabeiras”, em Kubeo temos o exemplo de: *vahokaku* e *vahokakua*. Mas, por que então uma seção apenas sobre esse tipo de estruturas? E qual o motivo de chamar de classificadores e não apenas de pluralização?

Optamos pelo uso dessa nomenclatura pelo fato de que nem sempre a estrutura RL+CFC+PLURAL, que é a mesma de *vahokakua*, é a utilizada na língua. A seguir separamos todos os morfemas classificadores de coletivos, com suas respectivas estruturas e exemplos, observe:

Tabela 21

-bo	-mu -a
-bo -a	-yo -a
-du -a	-ñu -a
-ku -a	-hĩ -ñu -a

- **-bo** (RL+CFC): apesar de ser um classificador de planta, esse CFC sempre que aparece como classificador de coletivos, nessa estrutura RL+CFC, é para coletivizar palmeira. Esse é um dos motivos de optarmos pela nomenclatura de coletivo e usarmos morfemas coletivo e não apenas pluralização. Observe:

Tabela 22

Palavra	Raiz Lexical	Mof. Class.	Categoria
neiñu	nei	-ñu	Planta
neibo	nei	-bo	Coletivo
kúvañu	kúva	-ñu	Planta
kúvabo	kúva	-bo	Coletivo
çinañu	çina	-ñu	Planta
çinabo	çina	-bo	Coletivo
buu kōhañu	buu kōha	-ñu	Planta
buu kōhãbo	buu kōhã	-bo	Coletivo

(Retirada do *corpus*)

- **-bo -a** (RL+CFC+PLURAL): pode classificar coletivos de palmeira, plantas classificadas por **-bo** e, também, no único caso em que o fruto da planta foi classificado por **-bo**, e o coletivo acabou sendo **-bo -a**. Observe:

Tabela 23

Palavra	Raiz Lexical	Mof. Class.	Categoria
vaçiñu	vaçi	-ñu	Planta
vaçiboa	vaçi	-bo -a	Coletivo
Oko veibo	Oko vei	-bo	Planta
Oko veibo	Oko vei	-bo -a	Coletivo
vea kaveabo	vea kavea	-bo	Fruto
vea kaveabo	vea kavea	-bo -a	Coletivo

(Retirada do *corpus*)

- **-du -a** (RL+CFC+PLURAL): em plantas classificadas por **-du**, apesar de ser um classificador usado majoritariamente na subcategoria de frutos. Observe:

Tabela 24

Palavra	Raiz Lexical	Mof. Class.	Categoria
Pue boredu	Pue bore	-du	Planta
Pue boredua	Pue bore	-du -a	Coletivo

(Retirada do *corpus*)

- **-ku -a, -ñu -a, -mu -a e -yo -a** (RL+CFC+PLURAL): em plantas que são classificadas pelo mesmo CFC que compõe a estrutura de coletivo. Por exemplo: **-ku -a** só é utilizado em plantas e classificadas por **-ku**, e isso se repete nos outros casos. Observe:

Tabela 25

Palavra	Raiz Lexical	Mof. Class.	Categoria
kõhãñu	kõhã	-ñu	Planta
kohañua	koha	-ñu -a	Coletivo
vakoku	vako	-ku	Planta
vakokua	vako	-ku -a	Coletivo
babamu	baba	-mu	Planta
babamũa	baba	-mu -a	Coletivo
Eo hokuyo	Eo hoku	-yo	Planta
Eo hokuyoa	Eo hoku	-yo -a	Coletivo

(Retirada do *corpus*)

Por último, temos o caso de **-hĩ -ñu -a**, que é o classificador de coletivo da palmeira **ñume-ñu-a kĩhi-ñu-a**, assim como ocorreu no classificador de fruto, que já mostramos na seção anterior, a marca **-hĩ** serve pra trazer o sentido de que essa palmeira é pequena. Com isso, palavra para coletivo desse planta é **ñumehiñua**. Sendo assim, finalizamos a descrição e análise de todos os morfemas classificadores dentro da CB do Kubeo.

CONCLUSÃO

A CB em Kubeo é uma categoria de palavras que possui questões morfológicas muito gerias e ao mesmo tempo muito específicas que mereceram nosso olhar particular para a sua análise e descrição. Pudemos observar as palavras dentro da CB de uma perspectiva linguística e também antropológica, tendo como base a relação entra língua e cultura, em que apresentamos a estrutura de algumas palavras da CB e, também, a

utilidade que algumas plantas têm para os kubo. Com isso, conseguimos trabalhar neste artigo questões linguísticas, antropológicas e também botânicas.

Para a realização deste trabalho foi necessário ter a ajuda e contribuição de várias pessoas, desde os kubo que participaram das oficinas; os pesquisadores, que foram para as comunidades indígenas para fazerem as oficinas; os colaboradores para a elaboração do dicionário multilíngue; e muitas outras pessoas que contribuíram direta ou indiretamente. Contudo, sabemos que ainda há muito o que ser feito em relação aos estudos não só da CB, mas também de outras questões do Kubeo, pois, apesar de que já existem muitos trabalhos que contemplam a cultura e a língua Kubeo, ainda existem questões que podem e devem ser analisadas e descritas de maneira mais minuciosa e particular. Com isso, ficamos felizes de contribuir com mais um trabalho de pesquisa que tem como foco uma língua e um povo que ainda tem muito o que ensinar, no caso para pessoas que estão dispostas a aprender e contribuir mutuamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, C. Diversidade linguística no ensino de português como língua adicional (LA) In: SILVA, F. C. O.; VILARINHO, M. M. O. (Orgs.). **O que a distância revela: Diálogos em Português Brasileiro como Língua Adicional**. Brasília: UAB, 2017, p. 231-243.

CHACON, T. C.; SATELES, R. do P. Explorações sobre padrões de indexação e classificação nominal de argumentos em línguas indígenas da América do Sul. **LIAMES: Línguas Indígenas Americanas**, Campinas, SP, v. 19, 2019. DOI: 10.20396/liames.v19i0.8655674. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/8655674>. Acesso em: 25 mar. 2021.

CHACON, Thiago Costa. Kubeo: linguistics and cultural interactions in the Upper Rio Negro. In: EPPS, P. & STENZEL, K. (eds.). **Upper Rio Negro: Cultural and linguistic interaction in Northwestern Amazonia**. Rio de Janeiro: Museu Nacional; Museu do Índio – FUNAI, 2013.

CHACON, Thiago Costa. O lugar das partículas entre palavras, morfemas e sintagmas em Kubeo. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 14, n. 3, p. 767-789, set.-dez. 2019.

CHACON, Thiago Costa. **The phonology and morphology of Kubeo: the documentation, theory and description of an Amazonian language**. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Hawai'i at Manoa, Honolulu, 2012.

CHACON, Thiago Costa. **Making sense of Nominal Classification in Amazonia: gender versus class markers in Kubeo**. [s.d.].

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Dois Anos entre os Indígenas: Viagens no noroeste do Brasil (1903/1905)**. EDUA/FSDB: Manaus, 2005.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LOPES, Maura Corcini; VEIGA NETO, Alfredo. Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 81-100, out. 2006. ISSN 2175-795X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10541>>. Acesso em: 03 ago. 2020. doi:<https://doi.org/10.5007/%x>.

LORENZI, H.; NOBLICK, L.; KAHN, F.; FERREIRA, E. **Flora brasileira Lorenzi: Arecaceae (palmeiras)**. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2010.

_____, Henri. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**, vol. 1. 5 ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008.

_____, Henri. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**, vol. 2. 3 ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2009a.

_____, Henri. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**, vol. 3. 1 ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2009b.

PEDROSO, Diego Rosa. **O que faz um nome: etnografia dos Kubeo do Alto Uaupés (AM)**. 2019. 321f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/T.8.2019.tde-29072019-115635. Acesso em: 2020 jun. 2021.

PERLIN, Gladis T. A cultura surda e os intérpretes de língua de sinais (ILS). **ETD: Educação Temática Digital**, v. 7, n. 2, p. 136-147, 2006.

PETTER, M. M. T. Morfologia. In: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à Linguística II: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 59-76.

PRIA, Albano Dalla. TIPOLOGIA LINGÜÍSTICA LÍNGUAS ANALÍTICAS E LÍNGUAS SINTÉTICAS. **SOLETRAS**, [S.l.], n. 11, p. 113-121, jan. 2013. ISSN 2316-8838. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/4652>>. Acesso em: 05 mar. 2021.

RICARDO, C. A.; CABALZAR, A. **Povos Indígenas do Rio Negro: uma introdução à socioambiental do noroeste da Amazônia Brasileira**. São Paulo: ISA-Instituto Socioambiental: São Gabriel da Cachoeira; FOIRN-Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2006.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. Edições Loyola, 1986.

SATELES, Rodrigo do Prado. **Indexação e Classificação Nominal de Argumentos Verbais em Línguas Indígenas da América do Sul**. 2019. 81 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) — Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

SEKI, L. Línguas Indígenas do Brasil no limiar do século XXI. **Impulso**, vol. 12, n. 27, p. 233-256, 2000.

ANEXOS

A seguir temos imagens de algumas plantas que foram mencionadas no decorrer deste trabalho. Separamos algumas plantas que foram desenhadas pelos kubo nas oficinas de 2010 e que também foram identificadas em Lorenzi (2009b) e Lorenzi et al. (2010), nas oficinas de 2011.

Árvore *vahokaku*

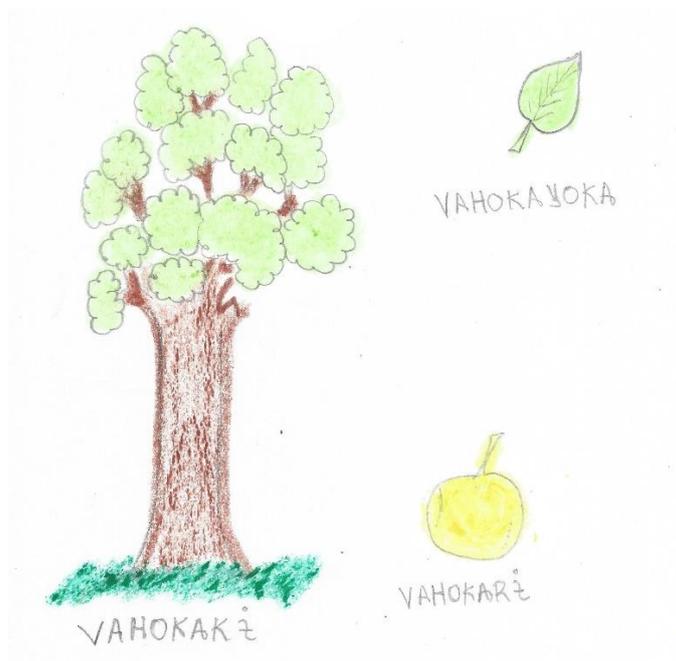


Figura 4 – Árvore *vahokaku*

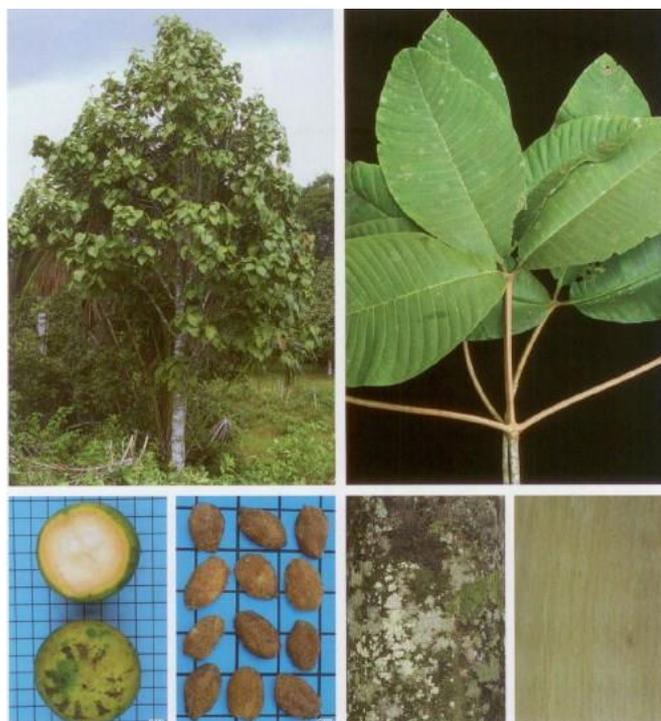


Figura 5 – Árvore *Couma macrocarpa*
Fonte: LORENZI, 2009b

Árvore *duku*

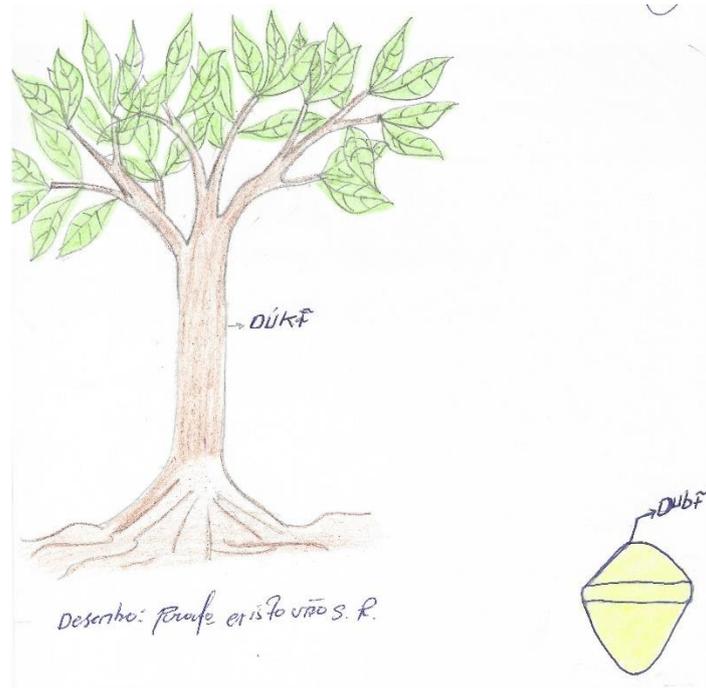


Figura 6 – Árvore *duku*



Figura 7 – Árvore *Eschwellera nana*
Fonte: LORENZI, 2009b

Palmeira *kōhāñu*

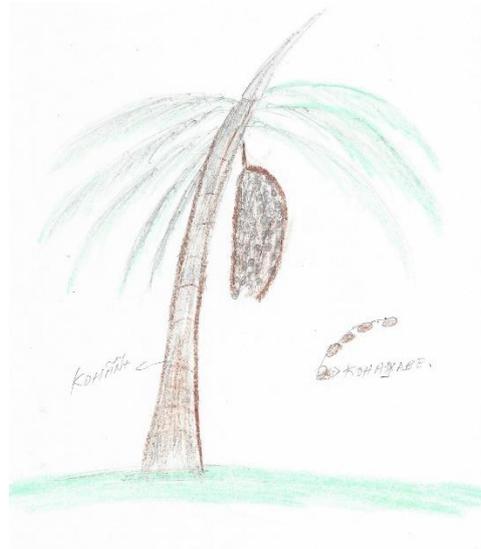


Figura 8 – Palmeira *kōhāñu*



Figura 9 – Palmeira *Aphandra natalia*
Fonte: LORENZI, 2010

Palmeira *vahuñu*



Figura 10 – Palmeira vahuñu



Figura 11 – Palmeira *Astrocaryum gynacanthum*
Fonte: LORENZI, 2010